WWW.PLACAR.COM.BR
PLACAR
PORRADA!
BASE BÉLICA
A onda de violência nas categorias inferiores contamina a formação da molecada
Sasha
O faz-tudo colorado caiu nas graças da torcida
A ÚLTIMA PELADA DE PEPE MUJICA NA PRISÃO
A GUERRA DE EGOS QUE ENVENENA O SÃO PAULO
Abril 65 ANOS
PLACAR 45 ANOS
REVISTA FEITA COM RAÇA
ISSN 977-01041760-0
ED. 1403 x JUNHO 2015 x R$13,00
Seleção
MORDIDA
A Copa América é a primeira oportunidade para Dunga, Neymar e sua turma curarem as feridas do vexame do Mineirão

OLHO MÁGICO
Ospina defende a cabeçada à queima-roupa do suíço Gomis, do Swansea. De nada serviu o esforço: com a ajuda da tecnologia goal-line, o juiz validou o gol da vitória do time galês sobre o Arsenal

junho 2015

PLACAR

edição 1403

Sérgio Xavier Filho
DIRETOR DE REDAÇÃO

PRELEÇÃO

Veias abertas

Uma certa milonga tocava ao fundo enquanto fechávamos a edição de maio da PLACAR. Editar o miniguia da Copa América (o Guia você encontra nas bancas em junho) é uma lembrança de que somos latino-americanos. O português diário nos faz esquecer onde estamos e com quem estamos. Nossos hermanos todos falam espanhol, é verdade, nem por isso somos diferentes. A Libertadores, a Copa América, os muitos Guerreros, Dátolos e Rodríguez que jogam por aqui são as colas esportivas que nos grudam nesse pedaço de planeta.

A revista do mês veio mesmo com acento hispânico. Além da seleção na Copa América, temos uma reportagem extraordinária de Gabriel Tuñez. O repórter argentino descreve o "último jogo do cárcere", a história do futebol na prisão de Libertad (patética contradição), que abrigava os presos políticos uruguaios. A ditadura não permitia nenhuma forma de organização entre os presos, nem mesmo um reles campeonatinho de futebol. Clandestinamente, os detentos deram um jeito de desafiar o sistema e fazer a "finalíssima" antes de serem libertados. Um dos personagens dessa história? José Mujica, o tupamaro que depois se tornaria presidente do Uruguai.

Já que falamos de causos uruguaios, um vídeo merece ser visto antes de ler a PLACAR (https://www.youtube.com/watch?v=suIc74Zlwas). Luisito Suárez aprontou mais uma. Nenhum arroubo canibal. O atacante do Barcelona aceitou fazer parte de uma pegadinha televisiva. Um garoto uruguaio com câncer é levado a acreditar pelo seu médico que falará com um especialista por Skype em uma outra cidade. No início, apenas a voz do "Doutor Suárez" avisando que não é oncologista. Depois entra a imagem do jogador e o menino se desmancha. Suárez o trata com um carinho impressionante. As palavras certas, o tom perfeito, a mensagem clara para viralizar: todos nós podemos fazer algo pelo câncer infantil. Se você ainda não tem um segundo time na Copa América, talvez faça sentido apoiar a causa futebolística de Suárez, Mujica e do escritor Eduardo Galeano, que nos deixou faz pouco tempo.

Suárez: mesmo com o atacante fora da Copa América, até vale torcer pelos uruguaios

CAPA © ILUSTRAÇÃO: STUDIO ABACATE ©1 GETTY IMAGES

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Conselho Editorial: Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Eurípedes Alcântara, Giancarlo Civita e José Roberto Guzzo

Presidente Abril Mídia: Giancarlo Civita

Presidente Editora Abril: Alexandre Caldini

Diretor-Superintendente de Assinaturas: Dimas Mietto
Diretor de Marketing Corporativo: Ricardo Packness de Almeida
Diretora de Mobilidade: Sandra Carvalho
Diretora de Publicidade Corporativa: Ivanilda Gadioli
Diretor de Apoio Editorial: Edward Pimenta

Diretora-Superintendente: Dulce Pickersgill

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho
Editor: Marcos Sergio Silva **Editor de arte:** Rogério Andrade **Editor de fotografia:** Alexandre Battibugli **Repórter:** Breiller Pires **Designer:** L.E. Ratto **Revisão:** Renato Bacci **PLACAR Online:** Fred Di Giacomo (Redator-Chefe), Ricardo Gomes (Repórter), Abraão Corazza (Editor de Arte), Juliana Almeida (Designer), Laura Rittmeister (Designer), Felipe Thiroux (Animação), Allyson Kitamura (Webmaster), Cah Felix (Webmaster), Leonam Pereira (Webmaster), Heber Alvares (iPad) **Coordenação:** Cristiane Pereira **Atendimento ao leitor:** Sandra Hadich, Walkiria Giorgino, Sonia Santos, Carolina Garofalo **CTI:** Eduardo Blanco (supervisor)

www.placar.com.br

PUBLICIDADE UN HOMEM & LIFESTYLE – Diretor de publicidade: Alex Foronda **Pequenas e Médias – Gerente:** Fernando Sabadin, Raquel Ienaga **Executivos de negócios:** Adriana Mendes Dos Santos, Claudia Galdino Luisiane Ferreira, Felipe Sintra Santana, Leandro Thales Freire De Oliveira, Luisiane Ferreira, Marcello Almeida, Marta Veloso, Mauricio Ortiz, Mayara Brigano Lopes, Michele Brito, Vera Reis **MARKETING – Diretora:** Carolina Melo Catto **CIRCULAÇÃO – Gerente**: Cezar Almeida **EVENTOS – Gerente:** Marcella Bognar **MARKETING PUBLICITÁRIO – Gerente:** Jair Oliveira **PUBLICIDADE REGIONAL – Diretor:** Jacques Ricardo **Gerentes:** Grasiele Pantuzo, Ivan Rizental, Kiko Neto, Sonia Paula, Vania Passolongo **PUBLICIDADE RJ** Andréa Veiga **PUBLICIDADE INTERNACIONAL** Alex Stevens

APOIO – PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES – Gerente: Camila Lima **PROCESSOS – Gerente:** Ricardo Carvalho **DEDOC E ABRIL PRESS** Elenice Ferrari **PESQUISA E INTELIGÊNCIA DE MERCADO** Andrea Costa **CIRCULAÇÃO** Andrea Abelleira **RECURSOS HUMANOS** Camila Morena, Marizete Ambran e Regina Cordeiro (Consultoria), Alessandra de Castro (Desenvolvimento Organizacional), Ana Kohl (Saúde e Serviços), Márcio Nascimento (Remuneração e Benefícios)

Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000 **Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no Exterior:** www.publiabril.com.br

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL: Almanaque Abril, Ana Maria, Arquitetura e Construção, Boa Forma, Capricho, Casa Claudia, Casa Claudia Luxo, Claudia, Claudia Filhos, Contigo!, Elle, Estilo, Exame, Exame PME, Guia do Estudante, Guia Quatro Rodas, Info, Men's Health, Mundo Estranho, National Geographic, Nova, Placar, Playboy, Publicações Disney, Quatro Rodas, Saúde, Superinteressante, Tititi, Veja, Veja Rio, Veja São Paulo, Vejas Regionais, Viagem e Turismo, VIP, Você RH, Você S.A., Women's Health **Fundação Victor Civita:** Gestão Escolar, Nova Escola

PLACAR nº 1403 (ISSN 0104.1762), ano 46, junho de 2015, é uma publicação mensal da Editora Abril **Edições anteriores:** venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca + despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens de Placar, acesse www.abrilconteudo.com.br ou ligue para (11) 3990-1381. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-775-2112 www.abrilsac.com
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2121
Demais localidades: 0800-775-2828
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA GRÁFICA ABRIL
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP

Presidente: Giancarlo Civita

Diretor de Finanças e Gestão: Fábio Petrossi Gallo
Diretor Superintendente de Gráfica: Eduardo Costa
Diretora Corporativa de RH: Claudia Ribeiro
Diretor Corporativo de TI: Claudio Prado

Conselho de Administração:
Giancarlo Civita (Presidente), Andre Coetzee, Hein Brand, Roberta Anamaria Civita, Victor Civita Neto

www.abril.com.br

A VOZ DA GALERA

Wallyson Caldas
Nova Olinda (CE)

Sensacional a matéria sobre o Tite. É hoje indiscutivelmente o treinador mais preparado do futebol brasileiro, além de ser culto, educado e articulado. Merecia a seleção.

PLACAR, essa mãe

Venho parabenizar a PLACAR pelos seus 45 anos. Destes, pude participar em quase 38. Na minha infância conheci as primeiras edições, adorava colecionar os escudinhos de botões, acompanhar os resultados pelo Tabelão. Depois ela foi se modernizando, teve uma fase sexo, rock'n'roll, futebol, mudou de tamanho, tornou-se semanal, retornou a mensal, abordava um tema por edição, depois mudou de novo, ficou um pouco chata e burocrática e retornou ao que era... só faltam os escudinhos e o Tabelão. As seções que atendem aos leitores, cartas e Tira-teima, são a grande atração. Que viva muitos anos e que cada vez fique melhor, mais simpática e mais atraente. Nunca deixe a nós, leitores, sem essa "mãe", que é a PLACAR...

Vitório Botega,
Palmital (SP)

Bombita

Excelente a (curta) matéria sobre a explosão do Fabrício que resultou na sua saída do clube. O futebol está cada vez mais hipócrita e chato, com uma "veste" de comportamento e "politicamente-corretismo" que está beirando o insuportável. Ainda bem que, graças a momentos como este, ou a indignação do Luxa com o silêncio imposto pela Ferj, de vez em quando o futebol verdadeiro, passional, respira!

Guilherme Toledo,
gtpiza@terra.com.br

Cadeira cativa

HISTÓRIAS QUE SÓ O LEITOR CONTA

O CLONE
Wesley Machado, de Campos dos Goytacazes (RJ), tentou prever o futuro em 1996 e tirou uma foto com Télvio Furacão, atacante do Botafogo e irmão gêmeo do ídolo Túlio Maravilha. Mas a promessa não deslanchou (fez apenas dois gols no Fogão) e só restou a foto de Wesley como recordação. Tem uma boa história e quer contar? Tirou uma foto com um ídolo e quer que o mundo saiba? Mande para PLACAR: placar.abril@atleitor.com.br

Errata

Edição 1402 – pág. 15
Por um erro de digitação, o verbete que fala sobre a arquitetura do Morumbi cita "estruturas transparentes". As estruturas, na verdade, são aparentes.

Tuitadas do mês

@vangoncalves PLACAR de maio já chegou. Quando vi a capa me emocionei. Tite é gigante.

@Kami_Villarreal A @placar deste mês está show de bola! Uma excelente matéria do Tite!

@MarceloDunlop Tite na capa da @placar. Escassez de craques no Brasil chegando a um ponto crítico, amigos! #jornalismo.

@interlages Muito legal essa matéria da @placar sobre a arquitetura de estádios históricos (e "arena" é para tourada).

FALE COM A GENTE
NA INTERNET www.placar.abril.com.br **ATENDIMENTO AO LEITOR** | **Por carta:** Avenida das Nações Unidas, 7221, 14º andar, CEP 05425-902, São Paulo (SP) | **Por e-mail:** placar.abril@atleitor.com.br | **Por fax:** (11) 3037-5597. As cartas podem ser editadas por razões de espaço ou clareza. Não publicamos cartas, faxes ou e-mails enviados sem identificação do leitor (nome completo, endereço ou telefone para contato). **EDIÇÕES ANTERIORES:** Venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca acrescido das despesas de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO:** Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens das publicações da revista PLACAR em livros, jornais, revistas e sites, acesse www.conteudo-expresso.com.br ou ligue para (11) 3089-8853. **TRABALHE CONOSCO:** www.abril.com.br/trabalheconosco

PERSONAGEM DO MÊS

Clone com defeito

Rápido, habilidoso, camisa 7 nas costas. Dudu até guarda semelhanças com Edmundo, mas está lembrando mais o ídolo pelo lado encrenqueiro

POR *Sérgio Xavier Filho*

Era o capeta em campo. Os adversários o odiavam. Usava a velocidade como arma esportiva. O drible, como arma de efeito moral. Se pudesse escolher entre a finta eficiente e o drible improvável, ficava com o segundo. Porque deixaria o marcador caído, com cara de bobo, humilhado. No lance seguinte, o irritado zagueiro tentaria ir à forra e podia ser expulso. Assim era Edmundo Alves de Souza, um dos maiores jogadores da história do Palmeiras.

O mesmo jogador do drible desconcertante de vez em quando parecia que não tinha conserto. Por que ele precisava arrumar tanta treta? Do fundo da alma, ele entendia o jogo de futebol de uma forma simples. Bola para Edmundo que ele resolveria. E era paranoico em campo. Para ele, o juiz acordava para prejudicar seu time. Desde o tempo das peladas no bairro Fonseca, em Niterói, era assim.

Torcedor tem a mania de achar que a história sempre se repete. Que os que foram voltarão. O Palmeiras talvez tenha visto — ainda que inconscientemente — um Edmundo no corpinho de Dudu. Algumas das qualidades estavam todas lá. Velocidade, habilidade e potencial de crescimento. Pequeno, Dudu fica enorme quando se trata de proteger a bola. Edmundo era do mesmo jeito. Brigava pela redonda como se fosse um prato de comida. Como Edmundo, Dudu é provocativo e tem uns probleminhas com as arbitragens. Faz parte. Dudu recebeu a mesma camisa 7 que Edmundo consagrou.

Em uma noite agradável de abril, Dudu iluminou o já iluminado Allianz Parque. Foi o melhor jogo do Palmeiras desde que o estádio foi inaugurado. Partida para não esquecer. Logo no início, Robinho marcou um gol quase do meio-campo. E em Rogério Ceni. O São Paulo ficou grogue. E tombou minutos depois quando Dudu apanhou a bola e recebeu a marcação forte de Rafael Tolói. Soltou o braço e continuou na jogada. Segundos depois, o irritado beque levantou Dudu sem bola. Cartão vermelho, o jogo se decidia aos 7 minutos do primeiro tempo nessa expulsão. Haveria algo mais Edmundo do que isso?

©2

©1

©1 ALEXANDRE BATTIBULGI ©2 RENATO PIZZUTTO

A briga de Dudu na final contra o Santos e a de Edmundo, diante do São Paulo, em 1994. A diferença é que o Animal fez história

Dudu deitou e rolou pelo lado do campo. O primeiro tempo terminou 3 x 0 para delírio da torcida.

Foi seu grande momento no Palmeiras. Ele só tem quatro meses de clube, mas o prontuário de confusões está com mais linhas escritas do que a lista de gols. Será difícil mencionar a final do Paulista 2015 sem se lembrar do camisa 7. No primeiro jogo, perdeu o pênalti que alargaria a vitória sobre o Santos e talvez decidisse o campeonato. Na partida de volta, na Vila Belmiro, tomaria um amarelo infantil aos 2 minutos e o vermelho no fim do primeiro tempo. De quebra, agrediu o árbitro Guilherme Ceretta de Lima e certamente tomará um gancho que atrapalhará o Palmeiras mais à frente.

Edmundo também sabia estragar tudo. No Equador, na Libertadores de 1995, perdeu um pênalti e a compostura. No intervalo do jogo, chutou a câmera da TV local após ser perguntado sobre o pênalti. Deu rolo e inquérito. Ficou trancado no hotel para não ser preso. O Palmeiras perdeu o jogo. Em outras oportunidades, Edmundo prejudicou o time com expulsões bobas. Mas costumava ser mais bestial do que besta.

O atual camisa 7 do Palmeiras está longe de ser um Edmundo. A velocidade pode ser a mesma, só que a habilidade é bem menor. Dudu é como aquele pintor que até faz um bom serviço na parede. Na hora de ir embora, esbarra na lata de tinta e faz caca. Como atacante, apresenta estatísticas de zagueiro. Acerta a trave, o goleiro, a placa de publicidade. Para botar a bola dentro da casinha, é um parto. Dudu surgiu no Cruzeiro, foi negociado com o Dínamo Kiev, da Ucrânia, e retornou ao Brasil pelo Grêmio. Sempre o mesmo. Poucos gols, várias confusões e a impressão de que está prestes a desabrochar.

No início do ano, o Brasil lutou por ele. Corinthians, São Paulo, Internacional, muitos fizeram o diabo para tê-lo. No futebol atual, vale muito um jogador veloz e driblador pelas extremas. Por isso todos queriam Dudu. O Palmeiras deu um chapéu em todos e ficou com ele imaginando ter um Edmundinho logo. Deu problema, o clone veio com defeito. ✕

Milton Neves
AS HISTÓRIAS INCRÍVEIS, HILÁRIAS E 99,3% VERDADEIRAS DO NOSSO ESPORTE

CAUSOS DO MILTÃO

Ainda mais rápido

Dia 7 de março, fez 50 anos que Gildo Bala, o Gildo Cunha do Nascimento, fez o "gol mais rápido do mundo" em 7 segundos e 26 centésimos. Foi em um Vasco x Palmeiras, no Maracanã, pelo Rio-São Paulo de 1965. Servílio deu a saída para Tupãzinho, daí para Djalma Santos, que lançou Gildo, com o ponta já correndo sem a bola em cima do lateral Oldair. Quando ela chegou, Gildo só a colocou no gol vazio, sem goleiro, porque Levis estava marcando com a chuteira o sinal da cruz delimitando a metade da meta. Levis, aliás, abandonou o futebol e montou uma fábrica de jeans e camisas. Mas o interessante é que a "crônica especializada", com o passar dos anos, foi encurtando o tempo do gol de Gildo. De 7 segundos, o recorde foi baixando para 6, 5, 4 segundos, até que Álvaro José Paes Leme, da TV Record e da Rádio Bradesco FM, cravou incrível e inimaginável 1,26 segundo!!! E acrescenta: "Eu estava lá no Maracanã em 1965 com meu pai e o cronômetro dele nunca falhou".

Benditos Pingas

Tivemos três "Pingas" no futebol brasileiro. Um ótimo zagueiro do Internacional que se contundiu muito cedo (o gaúcho Jorge Luís da Silva Brum, medalhista olímpico em 1984 pela seleção brasileira, ainda teve uma apagada passagem pelo Corinthians, depois de passar pelo Ituano), um beque do Santos que mal jogou e o célebre Pinga do Juventus, Lusa, Vasco e titular da Copa de 1954, na Suíça. Ele, o José Lázaro Robles (1924 – 1996), virou "Pinga" porque um dia na concentração da Lusa uma goteira inundou seu quarto.

Não era no Canal 4?

Em 1972, fui cobrir o Carnaval em Santos pela Rádio Jovem Pan AM. Ficamos no Hotel Atlântico, no Gonzaga. Chefia geral do "carrasco" Milton Parron. Para o primeiro dia, o sábado de Carnaval, cada um recebeu sua missão. "Você, mineiro, vai cobrir o jogo de tamboréu do coronel Erasmo Dias, secretário de Segurança, no Canal 4 [histórico ponto de orientação santista]." Nervoso diante da estreia, acordei e fui para a saleta de TV dos hóspedes à espera do tal jogo de tamboréu (o que seria isso, meu Deus?), no Canal 4. Lá pelas 9 da manhã, entra bufando na sala de TV um histérico Parron: "PQP, você sumiu, todos estão no teu encalço e por que você não foi cobrir o jogo do secretário? Agora ele já foi embora e perdemos a matéria, seu burro". Aí, falei: "Ué, tô vendo aqui o Canal 4 desde as 5 da manhã. Já passou *Bonanza*, *Rin-Tin-Tin*, *Almoço com as Estrelas* e nada do jogo do tal do tamboréu", disse. Incrédulo, Parron gritou: "Você não vai ser jornalista nunca na vida, seu caipira burro".

O país do futebol

Histórias que rolam por onde corre a bola

PAGOU PARA VER. E VIU

Ricardo Oliveira dispensou ofertas por preferir jogar em São Paulo. Aceitou o contrato de risco e terminou como artilheiro do Paulistão

POR ***Dimitrius Pulvirenti***

FORAM CINCO ANOS nos Emirados Árabes, dois a mais do que o contrato inicial previa, antes de Ricardo Oliveira decidir retornar ao Brasil. A conversa com Débora, que gostava da vida nos Emirados, aconteceu na casa da família em Abu Dhabi: "Eu acho que nós não devemos ficar aqui mais. Estou perdendo a motivação". A esposa entendeu e Ricardo Oliveira e os dois filhos desembarcaram em São Paulo no meio de 2014.

O centroavante recebeu ofertas de Atlético-MG e Sport, mas recusou: sua preferência era ficar em São Paulo. Seu empresário o questionou sobre os riscos que corria ao recusar as investidas, mas Ricardo foi firme: "Tenho certeza do que eu quero".

Ao fim da temporada, Ricardo era um atleta de 34 anos, com uma cirurgia no joelho no histórico e há nove meses sem jogar. Houve conversas com Palmeiras, que preferiu

Ricardo Oliveira: de encostado a melhor jogador do Paulistão

© RENATO PIZZUTTO

Leandro Pereira, e Santos, no auge da crise financeira. O Peixe propôs um salário de 50 000 reais durante o Paulista. O atacante aceitou. "Era a oportunidade que queria. Se estivesse jogando, não iria aceitar. Mas, parado, viria por um salário mínimo."

O início foi irregular, com um gol em sete partidas e lidando com a pressão da torcida pela escalação da revelação Gabriel. Contra a Portuguesa, o treinador Marcelo Fernandes, então auxiliar de Enderson Moreira, se aproximou do atacante na saída para o intervalo e disse: "Vai sair o gol. O futebol não está sendo justo pelo que você corre, pelo que você faz". Duas rodadas depois, Ricardo Oliveira marcou dois gols contra o Botafogo e depois fez o gol decisivo contra o Palmeiras na Vila.

Vieram 11 gols na campanha santista, a artilharia do campeonato, o prêmio de melhor jogador do Paulistão, a primeira taça em território nacional e a alegria do filho santista Anthony, de 11 anos, que guarda no celular todos os gols do pai pelo clube de coração e cuja festa de aniversário de 10 anos, ainda nos Emirados, teve decoração da equipe da Vila Belmiro. Mais do que isso, Ricardo Oliveira voltou a se firmar, com a renovação do contrato, que agora vai até 2017 e com um salário compatível com sua importância.

No Al-Jazira e no Santos: aposta que deu certo

RICARDO OLIVEIRA

RICARDO DE OLIVEIRA

35 anos (6/5/1980)
São Paulo (SP)

POSIÇÃO Centroavante

ALTURA 1,83 metro

PESO: 77 kg

CLUBES

Portuguesa 2000-02

Santos 2002-03 e desde 2015

Valencia-ESP 2003

Bétis-ESP 2004-05 e 2009

São Paulo 2006 e 2010

Milan-ITA 2006-07

Zaragoza-ESP 2007/08

Al-Jazira-EAU 2009/10 e 2011/13

Al-Wasl-EAU 2014

Seleção 11 JOGOS 3 GOLS

> *"ERA A OPORTUNIDADE. SE ESTIVESSE JOGANDO, NÃO IRIA ACEITAR. PARADO, VIRIA POR UM SALÁRIO MÍNIMO."*
>
> **Ricardo Oliveira,** sobre o contrato de risco com o Santos no Paulista

POR *Milton Trajano*

©1 RENATO PIZZUTTO ©2 RONALDO KOTSCHO ©3 ALEXANDRE BATTIBUGLI ©4 ALE VIANNA

Deaciso com Sócrates em 1985 e hoje, com a revista: "Até hoje pergunto se aquilo foi verdade"

DOUTOR COM A MACACA

A surreal história do dia em que Sócrates, um dos jogadores mais cobiçados do mundo, foi anunciado pela Ponte Preta

"O único receio é que o Sócrates e o Jorge Mendonça acabem com o chope da cidade", brincavam os moradores de Campinas quando o Doutor enfim chegava ao aeroporto de Cumbica, rodeado de centenas de torcedores da Macaca. Você não leu errado: Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira foi anunciado há 30 anos como o novo reforço da Veterana. A estreia estava até marcada: 25 de agosto de 1985, contra a Ferroviária, no Moisés Lucarelli. "Não gostava muito da PLACAR porque só falava de time grande. Mas, quando vi aquela capa, comprei e guardo até hoje", diz Deaciso da Silva, 54 anos, então membro da organizada SERPonte e um dos torcedores ao lado de Sócrates na saída do avião, sobre uma das capas mais surreais da PLACAR. "Aluguei um ônibus e muitos foram de carro até Cumbica. Invadimos o saguão com bandeiras. O Sócrates já saiu do avião vestido com a camisa da Ponte. Até hoje eu olho aquela foto na revista e penso: 'Aquilo foi verdade?'." O negócio, que havia sido proposto pelo consórcio Luqui, do narrador Luciano do Valle (morto em 2014) e do empresário José Coelho Francisco Leal, consistia em bancar o Doutor na Ponte apenas com dinheiro de patrocinadores e de publicidade estática. "Era um negócio de risco. Mas, em uma semana, ele optou por um caminho seguro e foi para o Flamengo", diz Leal.

A nova velha arena

Com duas novas arenas abertas em um período de seis meses, São Paulo estreou um novato na categoria mais jogos realizados: a pequena e folclórica Rua Javari. Foram 22 jogos até maio, dois a mais que o Martins Pereira, de São José. A explosão de jogos aconteceu, principalmente, pelas interdições de campos na capital e no interior. Seis clubes diferentes atuaram por lá: além do Juventus, Nacional, Independente de Limeira, Água Santa, Cotia e Atibaia. A superutilização da Javari contrasta com o abandono do Pacaembu: estádio mais utilizado no Estadual em 2014, com 19 partidas, recebeu até o fim do Paulistão apenas quatro jogos.

Ceará: depois de bater na trave, ano começou bem

PARA O ALTO E AVANTE

Título da Copa do Nordeste reforça cofre do Ceará e é visto como divisor de águas no alvinegro POR **CIRO CÂMARA**

O passo adiante, enfim, foi consolidado. Nos corredores de Porangabuçu, o pensamento é: se havia obstáculo que impedisse a projeção do Vozão no cenário nacional, este foi superado pela conquista invicta do Nordestão. Após bater na trave em 2014, no regional e na série A, a impressão é de um definitivo "agora vai" entre os alvinegros — algo que nem a perda do penta estadual para o rival Fortaleza abalou.

Os números comprovam o momento. O clube acumulou 5,9 milhões de reais com a campanha, englobando premiação e cota de TV (2,8 mi) e rendas (3,1 mi). O público médio do Vovô na competição foi de 26 169 torcedores, com direito a 63 399 pagantes na decisão contra o Bahia, recorde da Arena Castelão. Com dívidas equacionadas e folha salarial por volta dos 800 000 reais, o pensamento é surfar na onda positiva na série B. "O Brasil está reconhecendo o poder do Ceará e da sua torcida", diz o presidente Evandro Leitão.

APOSTA NO NORDESTÃO

POR QUE, PARA O CEARÁ, O TORNEIO REGIONAL É O MAIS VANTAJOSO DO ANO

NORDESTÃO 2015

RENDA – R$ 3 128 627

PÚBLICO – 26 169 POR JOGO

SÉRIE B 2014

RENDA – R$ 2 776 490

PÚBLICO – 11 257 POR JOGO

CEARENSE 2015

RENDA – R$ 2 162 018

PÚBLICO – 13 617 POR JOGO

OBS.: rendas totais e público médio

- O maior título de expressão do Ceará, até o Nordestão 2015, era o Torneio Norte-Nordeste de 1969, regido pela antiga CBD, em cima do Remo.
- O Ceará esteve sempre entre os semifinalistas da Copa do Nordeste nos últimos três anos.
- O clube já disputou a Sul-Americana, em 2011, e a extinta Copa Conmebol, em 1995.

PENEIRA DE CINEMA

A sexta edição do Cinefoot, festival de cinema sobre futebol, teve 156 inscrições neste ano, mas apenas 22 obras foram selecionadas. Os "dois times" começam a ser exibidos no dia 21 de maio, no Rio de Janeiro, com a película ***Messi***, uma cinebiografia do jogador argentino. Além da capital fluminense, a mostra também terá versões em São Paulo, Belo Horizonte e Recife. Quatro filmes brasileiros foram selecionados: *Campo de Jogo*, *Geraldinos*, *Ídolo* e *Amazonas, o Jogo da Bola*. A competição ainda exibe películas da Argentina, Suécia, Grã-Bretanha, Polônia, Alemanha e Estados Unidos.

CINEFOOT
De 21 a 26 de maio. Espaço Itaú de Cinema (Praia de Botafogo), Ponto Cine e Cine Teatro Manguinhos, Rio de Janeiro. Site: www.cinefoot.org

O POÇO TEM FUNDO?

Enquanto renegociam suas dívidas com o governo, clubes registram piores dívidas da história

Dívidas somadas dos 20 clubes da série A

2013 R$ 5,3 BILHÕES

2014 R$ 6,2 BILHÕES

Às vésperas da Copa América e à sombra do vexame do
Cicatrizes

Mundial, a seleção de Dunga tem muitas feridas para curar

do 7x1

POR Breiller Pires

ILUSTRAÇÃO Studio Abacate

O retorno de Dunga à seleção caiu como um tambor de gasolina sobre as cinzas do fracasso que inflamou o clamor por uma revolução no futebol brasileiro. Mas não há como negar que, em dez meses de trabalho, o técnico controlou o incêndio em torno da confiança do time, deteriorada depois da eliminação para a Alemanha na Copa. As oito vitórias em oito amistosos, no entanto, enrustem traumas maldigeridos. A Copa América, no Chile, é a primeira competição pós-vexame e o primeiro teste de fogo de Dunga. Uma oportunidade para afugentar a mácula do Mundial – ou escancarar sete resquícios inconvenientes.

1 O PAÍS DO ETERNO 7 X 1

Uma eventual conquista da Copa América não apagará a humilhação diante dos alemães. A seleção e principalmente os oito jogadores remanescentes da Copa terão de conviver por muitos anos com o fantasma de 2014, assim como outras gerações foram assombradas pelo Maracanazo. "Antes da semifinal de 70 contra o Uruguai, só ouvíamos falar daquele jogo, que a zebra iria se repetir. Isso era da nossa conta? Eu tinha só 1 ano em 50", conta o ex-ponta Edu, tricampeão mundial no México, que foi um dos auxiliares itinerantes de Dunga nos amistosos contra Argentina e Japão. O Maracanazo acabou suprimido pelo Mineirazo. Em todas as suas cinco convocações desde que reassumiu o time, Dunga recebeu ao menos um questionamento sobre os 7 x 1 durante cada entrevista coletiva. Mesmo que o técnico na última Copa tenha sido Felipão, é ele quem terá de administrar o saldo negativo da pressão sobre seus comandados. Para Edu, o passo inicial foi dado. "Pelo que percebi, os jogadores não parecem se lembrar mais do 7 x 1. O ânimo mudou."

2

MUDANÇAS FICAM SÓ NO PAPEL

Antes de passar o bastão a Marco Polo Del Nero (foto), o ex-presidente da CBF José Maria Marin deixou claro que, na visão da entidade, o futebol brasileiro vai bem, e a Copa só foi perdida por equívocos da antiga comissão técnica. E nada mudou. O calendário de jogos segue inchado, coincidindo com datas Fifa. Clubes como Botafogo, Corinthians e Grêmio perderão jogadores por até sete jogos no Brasileiro durante a Copa América. "O absurdo continua: a tabela dos clubes grandes tem jogos demais e a dos pequenos, de menos", diz Ruy Cabeção, um dos líderes do Bom Senso F.C. A insatisfação de torcedores por causa dos desfalques em seus times contrasta com a tentativa de Dunga de resgatar o carinho pela camisa amarela. Ele abriu a seleção a ex-atletas e busca dar ao time uma identidade de entrega e comprometimento. Por sua vez, a CBF se esbalda em medidas impopulares. Primeiro, inflacionou o preço dos ingressos para os amistosos contra México e Honduras, que bateram na casa de 600 reais. E ainda nomeou o publicitário João Dória Jr. como chefe da delegação brasileira no Chile.

3

TIME DO NEYMAR?

As últimas atuações do Brasil sem seu camisa 10 culminaram na despedida vexatória da Copa e reforçaram a tese da "Neymardependência". Com Dunga, o craque ganhou ainda mais importância, promovido a capitão. Em oito jogos, fez oito gols, deu duas assistências, recebeu uma média de 39 passes por partida — ante 33 no Mundial — e não saiu de campo nenhuma vez. Mais acionado, Neymar é o único protagonista da equipe, ao contrário do que acontece no Barcelona. Ao lado de Messi e Luis Suárez, ele é o quarto jogador mais substituído do elenco de Luis Enrique nesta temporada. A boa fase recente não lhe garante o status de intocável que tem na seleção. Segundo um ex-dirigente do clube catalão, com trânsito no CT Joan Gamper, atacantes incorporados pelo time recentemente padecem do "efeito Messi". Por melhores que sejam, independentemente do desempenho, dificilmente conseguirão deslanchar se o argentino não for o centro das ações coletivas. Nesse cenário, a seleção é a chance de Neymar engordar suas marcas individuais. Com 43 gols, ele pode superar o recorde de Pelé, que marcou 95 vezes pelo Brasil. A dependência e a sede de fazer história deixam Dunga sem alternativas de substituto e esquema para quando não puder contar com o craque.

4 RENOVAÇÃO AMEAÇADA

Dunga e Alexandre Gallo não se bicavam. A relação distante entre os técnicos das seleções principal e olímpica colocava em xeque o projeto para a Olimpíada 2016. A rixa entre os dois foi determinante para a queda de Gallo antes do Mundial sub-20. A comissão de Dunga tinha ressalvas com o trabalho do ex-treinador, que, em fevereiro, fracassou no Sul-Americano sub-20. Pesavam contra ele a falta de experiência na base dos clubes e a obsessão por resultados — sua trajetória na CBF foi marcada por títulos inexpressivos e pela fritura de talentos como Gabigol, Malcom, Carlos e Gerson. Havia pouca interlocução com o departamento de base e baixo aproveitamento de jovens no profissional. A comunicação entre Dunga e Gallo era protocolar, repleta de ruídos. Amistosos da seleção olímpica coincidiam com os da principal. Assim, jogadores sub-23 ficam em segundo plano. Dunga já chegou a ignorar uma convocação de Gallo ao chamar o zagueiro Marquinhos (foto), 21, para os jogos contra Colômbia e Equador. Do time olímpico, apenas o jogador do PSG e o lateral Fabinho figuram na lista da Copa América. Dunga vê com bons olhos dirigir a seleção na Olimpíada. E a demissão de Gallo veio, segundo fontes na CBF, em momento estratégico.

5 A DURA MISSÃO DE QUEBRAR TABUS

De acordo com auxiliares pontuais da nova comissão técnica, Dunga está encantado pela versatilidade de Roberto Firmino (foto), que passou a integrar o time em sua terceira convocação. Outro nome em alta com o treinador é o de Diego Tardelli, que, apesar da transferência para a China, teve vaga assegurada na Copa América. Tardelli e Firmino fogem ao padrão de camisa 9 na seleção. Não são centroavantes de área nem referências de ataque. Com boa mobilidade, atuam mais pelos lados e ajudam a marcar, apesar do bom poder de finalização. Tendência em vários times da Europa, a extinção do típico 9 pode, enfim, romper a máxima de que a figura do "homem-gol" é obrigatória na seleção, que, em Copas recentes, não prescindiu de Ronaldo (fora de forma em 2006) e Fred (em má fase em 2014) como titulares. "Cobro participação dos jogadores. Se um deixa de correr, o time fica com um a menos", disse Dunga sobre a nova formação. Outra mudança acontece nas laterais. Danilo e Filipe Luís priorizam a marcação em detrimento do apoio. Nem por isso a equipe perdeu ofensividade. Dunga tenta acelerar a correção de vícios, sobretudo no ataque, já que não há centroavantes capazes de fazer a opinião pública se chocar contra suas convicções. Por enquanto...

6

UMA ZAGA A RESGATAR

Choro e descontrole emocional são estigmas que até hoje acompanham Thiago Silva e David Luiz, a defesa titular da Copa, por causa da superexposição que experimentaram na Copa. Embora o capitão não tenha participado do fatídico 7 x 1, os dez gols sofridos diante de Alemanha e Holanda recaem sobre as costas da dupla. Para piorar, depois que passaram a atuar juntos no PSG, ambos vêm de uma temporada de lesões em sequência e frustrados por mais uma queda do clube na Liga dos Campeões. Thiago Silva se machucou no primeiro jogo contra o Barcelona e David Luiz levou duas canetas de Suárez no último confronto. "Os zagueiros brasileiros estão entre os melhores do mundo", diz o ex-beque da seleção Ricardo Rocha. "Mas eles precisam retomar a confiança. A Copa os abalou, mas eles não são os únicos culpados. Por ter sido crucificado em 90 e dado a volta por cima com o tetra, quatro anos depois, Dunga é a pessoa certa para recuperá-los." Após a crise da braçadeira, Thiago Silva, que questionou a perda da faixa de capitão para Neymar, tem perdido espaço para Miranda, preterido por Felipão no Mundial. Os dois terão 33 anos em 2018.

A COPA AMÉRICA NUNCA FOI TÃO IMPORTANTE

No discurso, a prioridade de Dunga não é o torneio de grupos continental, mas sim a Eliminatória da Copa, que começa no segundo semestre e terá quatro jogos até o fim do ano. Porém, na prática, a Copa América do Chile, que vai reunir cinco das 16 melhores equipes do último Mundial, tem um peso vital no processo de restauração do time brasileiro. A final, prevista para o dia 4 de julho, em Santiago, antecede em quatro dias a efeméride de um ano pós-Mineirazo. Mais do que o nono troféu da seleção no torneio, um título arrefeceria a lembrança melancólica da Copa que ainda arde em jogadores e torcida. "Um fiasco como o 7 x 1 para a Alemanha não se apaga, mas se cura aos poucos, com título, com futebol bem jogado", diz Zagallo. "Em 58, ganhamos a primeira Copa para o Brasil. Na de 62, praticamente nem ouvimos falar de Maracanazo." A filosofia de Dunga é pensar passo a passo, vitória a vitória, ao modo de seu primeiro título como treinador – justamente a Copa América, em 2007. A diferença é que, quatro anos atrás, não havia a mancha do maior tropeço da história da seleção nem uma necessidade tão imediata de remediar seus estragos.

La Copa de las Copas?

DEPOIS DE SE DESTACAREM NO MUNDIAL, SELEÇÕES SUL-AMERICANAS PROTAGONIZAM TORNEIO RECHEADAS DE CRAQUES

GRUPO A

CHILE

Melhor colocação: vice (1955, 56, 79 e 87)
Na Copa América 2011: 5º

O craque: Vidal
Chamado de "máquina de futebol" na Europa, é o coração do meio-campo na Juventus e em La Roja.

Palpite PLACAR ●●●●
Manteve o técnico Jorge Sampaoli e seu sistema ofensivo. Apesar de ter perdido para Brasil e Irã em amistosos recentes, o futebol apresentado na Copa instiga a torcida chilena, que promete apoiar em peso o time.

EQUADOR

Melhor colocação: 4º (1959 e 93)
Na Copa América 2011: 10º
O craque: ***Valencia***
A experiência do meia do Manchester United, que também pode atuar na ala direita, é fundamental.

Palpite PLACAR ●●●●
La Tri passa por um momento de reestruturação. Gustavo Quinteros, ex-Emelec, assumiu a equipe no fim de janeiro e precisa controlar os egos de medalhões que atuam na Europa. Perdeu seus dois primeiros amistosos, em março.

MÉXICO

Melhor colocação: vice (1993 e 2001)
Na Copa América 2011: 12º
O craque: ***Raúl Jiménez***
Revelado pelo América do México, o atacante de 24 anos transferiu-se para o Atlético de Madri em 2014 e foi campeão olímpico em 2012.

Palpite PLACAR ●●●●
Apesar da boa impressão no Mundial, os mexicanos chegam enfraquecidos à Copa América. Craques como Chicharito Hernández e Giovani dos Santos não devem ser chamados por Miguel Herrera, que pretende priorizar a Copa Ouro, em julho.

BOLÍVIA

Melhor colocação: campeã (1963)
Na Copa América 2011: 11º
O craque: ***Marcelo Moreno***
Atacante com passagens por Cruzeiro, Flamengo e Grêmio, joga atualmente no futebol chinês.

Palpite PLACAR ●●●●
O ex-goleiro Mauricio Soria substitui o espanhol Xabier Azkargorta no comando técnico e terá trabalho pela frente. Poucos jogadores têm experiência nacional e o estilo defensivo do novo treinador foi criticado no país.

●●●● CANDIDATO AO TÍTULO ●●●● PODE SURPREENDER ●●●● MERO FIGURANTE ●●●● ZEBRA

GRUPO B

ARGENTINA
Melhor colocação: 14 vezes campeã (1921, 25, 27, 29, 37, 41, 45, 46, 47, 55, 57, 59, 91 e 93)
Na Copa América 2011: 7º

O craque: Messi
Em fase esplendorosa no Barcelona, o craque tem mais uma chance de conquistar seu primeiro título pela seleção principal.

Palpite PLACAR ● ● ● ●
Vice-campeã mundial no Brasil, a albiceleste deu cabo do consistente trabalho de Alejandro Sabella para apostar em Tata Martino, discípulo fiel de Bielsa que treinou Messi no Barça. O ataque continua forte. Além do camisa 10, nada menos que Di María, Agüero, Higuaín e o reintegrado Tévez.

URUGUAI
Melhor colocação: 15 vezes campeão (1916, 17, 20, 23, 24, 26, 35, 42, 56, 59, 67, 83, 87, 95 e 2011)
Na Copa América 2011: campeã
O craque: ***Cavani***
Com a aposentadoria de Forlán da seleção e a suspensão de Suárez por causa da mordida na Copa, o atacante do PSG será a estrela solitária no ataque.

Palpite PLACAR ● ● ● ●
Nunca é aconselhável duvidar dos poderes da camisa celeste, maior campeã da Copa América. Mas a longa e vitoriosa trajetória de Oscar Tabárez à frente da equipe vive seu maior desafio: renovar uma equipe carente de referências.

PARAGUAI
Melhor colocação: 2 vezes campeão (1953 e 79)
Na Copa América 2011: vice
O craque: ***Roque Santa Cruz***
Aos 33 anos, o centroavante do Cruz Azul não é mais o mesmo dos tempos áureos na Europa. Entretanto, tem lugar cativo no time.

Palpite PLACAR ● ● ● ●
No grupo mais forte do torneio, os paraguaios liderados pelo argentino Ramón Díaz terão de se desdobrar para avançar à segunda fase. No histórico recente, pesam derrotas para Coreia do Sul, China e Peru.

JAMAICA
Melhor colocação: estreante
O craque: ***Giles Barnes***
Nascido na Inglaterra e com experiência na Premier League, o atacante do Houston Dynamo na MLS naturalizou-se jamaicano em fevereiro.

Palpite PLACAR ● ● ● ●
Ao reeditarem o confronto contra a Argentina, em que foram goleados por 5 x 0 na Copa da França, em 98, o técnico dos Reggae Boyz não será René Simões, ídolo no país, mas sim o alemão Winfried Schäfer. Estão invictos desde outubro.

GRUPO C

BRASIL
Melhor colocação: 8 vezes campeão (1919, 22, 49, 89, 97, 99, 2004 e 07)
Na Copa América 2011: 8º
O craque: ***Neymar***
Além de ter chamado a responsabilidade na Copa, ganhou a faixa de capitão do time e chega motivado pela grande temporada no Barcelona.

Palpite PLACAR ● ● ● ●
A seleção se apoia nos números e na liderança forte de Dunga, campeão do torneio em 2007 sobre a Argentina. Oscar é a única baixa, devido a uma lesão. As alternativas são um time com três volantes ou a promoção de Phillippe Coutinho.

COLÔMBIA
Melhor colocação: campeã (2001)
Na Copa América 2011: 6º

O craque: James Rodríguez
Os seis gols que o fizeram artilheiro da Copa também foram suficientes para alçá-lo à condição de maior ídolo da atualidade em seu país, superando Falcao García.

Palpite PLACAR ● ● ● ●
Uma certeza compartilhada pela maioria dos colombianos é a de que a eliminação para o Brasil no Mundial teria sido injusta. Agora os homens de José Pekerman terão a oportunidade de revanche reforçados por Falcão García.

PERU
Melhor colocação: 2 vezes campeão (1939 e 75)
Na Copa América 2011: 3º
O craque: ***Guerrero***
Ídolo do Corinthians, o atacante também é amado em seu país, principalmente após ter sido artilheiro da última Copa América, com cinco gols.

Palpite PLACAR ● ● ● ●
Depois da surpreendente campanha em 2011, os peruanos sonham ao menos passar da fase de grupos, dessa vez sob a batuta do argentino Ricardo Gareca, que dirigiu o Palmeiras em apenas 13 jogos no ano passado.

VENEZUELA
Melhor colocação: 4º (2011)
O craque: ***Salomon Rondón***
Companheiro de Hulk no Zenit, da Rússia, o centroavante rompedor é a principal arma do ligeiro ataque vinotinto.

Palpite PLACAR ● ● ● ●
O técnico Noel Sanvicente antecipou a convocação de 15 jogadores que atuam no país para o começo de maio, visando intensificar a preparação para o torneio. Ele conta com o rodado meia Juan Arango, 35, que vai para sua quarta Copa América.

SHOW DO SASHA

O Inter já não vive sem o meia-atacante loirinho, que briga pelas bolas e ataca com a mesma eficiência. E já o vê como o futuro — no campo e no bolso colorado

POR **Frederico Langeloh**

Eduardo Colcenti Antunes é a cara da persistência. Esperou dos 9 aos 22 anos a oportunidade para brilhar. Aos 23, Eduardo Sasha é o grande nome do Inter, indispensável para o atual sistema de Diego Aguirre. Capaz até de, aos poucos, tirar do Inter a D'Aledependência de temporadas passadas. Mas o caminho até 2015 foi tortuoso.

Rebatizado nas canchas de areia do bairro Rubem Berta, Eduardo virou Sasha. No Rubem Berta o pirralho seguia o irmão mais velho, Robson, por todos os cantos da vizinhança. Inclusive no campinho, onde jogava o Nova Geração. Na turma de Robson estava também o meia Anderson, que anos mais tarde seria imortalizado na história do Grêmio, rodaria a Europa com o Porto e o Manchester United e... acabaria jogando com Sasha. No Inter. Os irmãos Antunes eram dos poucos loirinhos do bairro. Assim, como Robson era o Xuxa, Eduardo virou Sasha.

"Esse apelido nunca me incomodou. Éramos loiros e tínhamos cabelo mais comprido", diz o camisa 9 do Inter. "Apesar da exposição do futebol, acho que a Sasha da Xuxa ainda é bem mais conhecida do que eu. Mas Sasha parece nome de jogador russo. Nome de homem, né?", brinca o meia-atacante.

Já nas categorias de base do Beira-Rio, Sasha passou a ser utilizado como ala, pela direita, no time sub-13. Com o passar dos anos, o guri loiro foi evoluindo a ponto de ser considerado como uma das futuras promessas do clube. O Inter já havia vivido o furacão Alexandre Pato, com a (até então) maior venda da história do Beira-Rio, tanto que qualquer moleque com um futebol um pouco acima da média passava a ser visto com olhos esperançosos. E, de certa forma, Sasha foi vítima disso.

Em 2010, o Inter se preparava para a disputa de seu segundo Mundial. Da base, Sasha e Oscar foram incluídos na pré-lista para Abu Dhabi. Sasha acabou cortado. Então, saiu de férias com a orientação de se submeter a uma cirurgia, a fim de retirar uma proeminência óssea no calcanhar do pé esquerdo. Mas, antes da operação, o volante Glaydson se lesionou, e Sasha precisou correr para a alfaiataria que forneceu ternos para os jogadores. O guri havia sido relacionado outra vez. E agora para embarcar para o Mundial. Para sua sorte, não estava na partida contra o Mazembe, uma das derrotas mais marcantes da história colorada. No retorno a Porto Alegre, Sasha se submeteu à cirurgia. Quando se recuperou, não teve mais chances no time de cima.

"A torcida queria ver um novo Pato em campo. Não sou o Alexandre Pato. Mas o que me atrapalhou mesmo foi ter ficado um mês e 25 dias parado, por causa da cirurgia no calcanhar", afirma. "Voltei a jogar em 2011, mas somente pelo time sub-23, com o Enderson Moreira." O problema foi que Sasha ainda nem bem havia retomado o ritmo de jogo quando o time sub-23, renomeado Inter B, foi eliminado das quartas de final do primeiro turno do Gauchão. Na ocasião, a equipe de Enderson Moreira jogava o Estadual, enquanto o Inter de Celso Roth se guardava para a Libertadores. Sasha viu o projeto Inter B arquivado pela direção. Com o time desfeito, o meia--atacante esperou a vez no elenco principal. Ficou esquecido. Em 2012, com o Goiás investindo em Enderson Moreira para treinar o time principal, o destino sorriu para Sasha. A pedido do técnico, o guri foi emprestado para o Goiás. E foi no Serra Dourada que começou a virada na vida do camisa 9.

"Minha saída para o Goiás foi fundamental para ganhar experiência e aprender a jogar no 4-2-3-1. Foi a primeira vez também que larguei os meus pais. Fui morar sozinho na marra, mas foi bom. Voltei maduro. Aquele era o momento de sair, mesmo."

Na engrenagem do Goiás de Enderson Moreira, Sasha era responsável pela transição do meio-campo para o ataque e o principal puxador de contra-ataques do time. Assim como no Inter de Diego Aguirre, ele tinha entre outras missões a de confundir a defesa adversária trocando de posição. "Sasha é um jogador completo", diz Enderson. "Ele acabou sendo lapidado no Goiás. Tem velocidade e grande inteligência tática. Tem jogo defensivo, ofensivo, ataca e defende com eficiência e jamais se omite."

De volta ao Inter, Sasha ampliou o vínculo até junho de 2017 e ficou com 30% dos direitos econômicos — o Inter detém 70%. Ao lado de outros três garotos da base (o volante Rodrigo Dourado, o goleiro Alisson e o atacante Valdívia), é tido com uma das próximas vendas do clube, que já calcula negociar o meia-atacante por pelo menos 10 milhões de euros.

A retomada de sua trajetória em casa passa por Abel Braga. O técnico apostou em Sasha no Brasileirão do ano passado. Mas em um treino, no come-

AS GRANDES VENDAS DO INTER

Pelas contas coloradas, Sasha vale 10 milhões de dólares. Ele é o próximo da lista?

OSCAR
25 milhões de euros
Chelsea, 2012

ALEXANDRE PATO
22 milhões de euros
Milan, 2007

LEANDRO DAMIÃO
41,6 milhões de reais (17,5 milhões de dólares) Grupo Doyen/Santos, 2014

NILMAR
16,5 milhões de euros
Villarreal, 2009

FRED
15 milhões de euros
Shakhtar Donetsk, 2013

GIULIANO
10 milhões de euros
Dnipro-UCR, 2011

RAFAEL SÓBIS
8,5 milhões de euros
Betis, 2006

TAISON
6 milhões de euros
Metalist-UCR, 2010

RODRIGO MOLEDO
5 milhões de euros
Metalist-UCR, 2013

RENAN
4 milhões de euros
Valencia, 2008

PAU-PAU

Ao contrário da Sasha original, colorado teve pouco beijinho-beijinho

DEZEMBRO DE 2010
Adia uma intervenção cirúrgica para embarcar, às pressas, para Abu Dhabi, onde disputaria o Mundial. Do banco, vê um dos maiores vexames da história colorada – a derrota para o Mazembe, do Congo.

2011 (PRIMEIRO SEMESTRE)
É submetido a uma cirurgia para retirar um calo ósseo no calcanhar do pé esquerdo. Rebaixado para o sub-23, montado para disputar o Campeonato Gaúcho, não consegue readquirir o ritmo do ano anterior. O time é desfeito.

2011 (SEGUNDO SEMESTRE)
Volta a sofrer lesões, desta vez no púbis e no tendão de aquiles. Passa a jogar nos juniores para ganhar ritmo.

2012
Encostado no Inter, vai para o Goiás, então na série B, onde demora a encontrar espaço.

2014
Depois de uma boa temporada na série A pelo Goiás, retorna ao Beira-Rio. Mas, em um treino, fratura o tornozelo direito e perde o restante da temporada.

ço de outubro, o loirinho teve uma fratura no tornozelo direito. Decretava-se ali o fim da temporada para Sasha. "É claro que foi uma lesão péssima, mas pude começar o ano na minha melhor forma, pois sabia que teria que provar tudo outra vez", afirma.

A boa forma vem rendendo elogios a Sasha. Aguirre não vive sem ele. O técnico uruguaio, que montou no Inter um carrossel de jogadores, com quase 22 "titulares", jogando todas as semanas neste primeiro semestre, entende que o camisa 9 é o futuro do Inter. "Sasha é espetacular. Não só joga bem, como luta, briga pelas bolas, sempre está apaixonado, tentando dar o máximo. Ele me dá a possibilidade de escalá-lo em diferentes posições, ninguém se surpreende se ele jogar dentro ou fora da área."

O jogador é destaque também entre a direção colorada. Para o diretor de futebol Carlos Pellegrini, Sasha já é um atleta com cabeça de futebol internacional. "Está comprometido com o plano tático, na recomposição defensiva e é ofensivamente perfeito. Sasha virou um goleador solidário com os companheiros nas finalizações. É um jogador europeu forjado nas categorias de base do Inter", diz o dirigente.

Jogador multiuso do Inter, Sasha tem por missão perturbar a vida de volantes, laterais e zagueiros. Desestabilizar defesas. "Aguirre sempre me pede para cuidar das subidas do lateral, mas também para que eu me movimente bastante, trocando de lugar com D'Alessandro e com Nilmar. Com essa movimentação, bagunço a defesa e abro espaços para os demais. Atuo pela direita, pela esquerda e até de centroavante. Jogar com Nilmar e D'Alessandro é fácil, os dois têm grande qualidade, estou aprendendo muito com eles", afirma Sasha.

A afirmação jogando a série B pelo Goiás e despontando como um dos líderes do Colorado neste ano; no canto, à direita, Rodrigo Dourado, outra pérola do Inter

A INSPIRAÇÃO
Sasha, a filha de Xuxa, veio para Eduardo por meio do irmão, conhecido como... Xuxa

Apesar da boa fase, o meia-atacante colorado rejeita o título de estrela da companhia. Ele entende que D'Alessandro ainda é o diferencial da equipe: "D'Alessandro é muito importante, no campo e no vestiário. O time cresce com ele e os demais jogadores vão se tornando importantes com a sua figura".

Ex-presidente do Inter, Fernando Carvalho não tem dúvidas ao afirmar: Sasha é o grande jogador colorado na temporada. Carvalho acredita que o meia-atacante está atingindo o auge da carreira no Beira-Rio. "Sasha é um jogador moderno, que consegue fazer as funções ofensivas e de marcação como poucos. Aos 23 anos, está na plenitude da sua condição física e é o melhor jogador do Inter no ano. Me lembra o Rafael Sóbis, mas é mais rápido e marca melhor. Tem determinação, garra, chute primoroso com os dois pés, grande impulsão e bom cabeceio, mesmo com 1,73 metro de altura. Apesar disso, D'Alessandro ainda tem um papel preponderante na equipe. Sasha vem como complemento, principalmente de compactação e de execução das tarefas defensivas no meio-campo", diz.

Caladão e tímido, Sasha por vezes esconde uma grande personalidade. "Quando comecei, acho que tinha um estilo de jogo parecido com o do Sóbis, mesmo. Hoje, foco no meu jeito de jogar."

Ainda que, ao que tudo indique, a Europa estará logo ali para Sasha, o meia-atacante diz que corpo e mente estão no Beira-Rio. E, antes de desfilar pelos verdes gramados europeus, ele quer realizar um desejo: conhecer a inspiração de seu apelido. "Seria uma boa conhecer a Sasha. Até porque ninguém mais me conhece por Eduardo. O Sasha pegou. Queria agradecer a ela."

©1 GETTY IMAGES ©2 AGIF ©3 EDISON VARA ©4 REPRUDUÇÃO/INSTAGRAM

CRAQUE GORDINHO

Ele está acima do peso e não é Walter. Caiu nas graças da galera e não é Dale. Brilha muito e não é Valdívia. O cara de 2015 é mesmo Diego Aguirre

POR Álvaro Almeida*

O ídolo é D'Alessandro, Valdívia é o craque, Sasha é o operário-padrão, Rodrigo Dourado é a novidade, mas é Diego Aguirre o grande destaque do Inter no início de 2015. O técnico uruguaio, que chegou como opção tampão — depois da recusa de outros "professores" badalados — e sob a desconfiança dos recorrentes insucessos dos treinadores estrangeiros no Brasil, tem como marca algo que não é comum nos gramados brasileiros: coerência e uma execução sem concessões do planejamento traçado. Não importa o quanto tenha sido criticado pela imprensa gaúcha (e não foi pouco), ou a consequente pressão dos torcedores, Aguirre manteve-se fiel às suas convicções e, assim, foi ganhando a confiança dos jogadores. Tornou-se, de fato e de direito, o dono do time.

Talvez seja o primeiro técnico campeão de que se tem notícia a escalar times diferentes em todos os jogos do Campeonato Gaúcho. Com isso, não só conheceu o potencial de cada jogador de seu grande e qualificado elenco como também fez com que todos entendessem sua filosofia de jogo e estivessem em ritmo para entrar na equipe a qualquer momento. Tudo isso em apenas quatro meses de trabalho. Nesse processo, não se rendeu aos grandes nomes recém-contratados, que não estavam em condições de entregar um bom desempenho, como o zagueiro Réver, o volante Nílton, o meia Anderson e o atacante Vitinho. E ainda abriu espaço para a base, que ofereceu alternativas essenciais para ajustar a defesa, como os laterais William e Géferson, o volante Rodrigo Dourado, além do iluminado Valdívia e do faz-tudo Sasha.

Como toda quebra de paradigma, o modelo de trabalho de Aguirre gerou muita tensão e insegurança, sobretudo para quem estava observando de fora. Afinal, o Inter fez partidas horríveis, especialmente em seu sistema defensivo, na fase classificatória do Gauchão e na primeira metade da etapa de grupos da Libertadores. Os resultados começaram a aparecer a partir do fim de março, quando o time emendou vários jogos sem sofrer gols no Estadual e, sobretudo, no inesperado 4 x 0 sobre La U, em plena Santiago. A afirmação veio com a conquista do pentacampeonato gaúcho em duas convincentes atuações nos Grenais decisivos. Mas seguramente nada mais emblemático do que a primeira partida das oitavas de final da Libertadores, no temido Horto, diante de um Galo também embalado pelo título estadual. Na mais importante partida do ano até então, Aguirre planejou um jogo em sua cabeça e o colocou em prática. Mesmo com Géferson e Nilmar lesionados, manteve os talentosos D'Alessandro e Valdívia no banco para usá-los e quase vencer a partida no segundo tempo.

Diego Aguirre ganhou a condição de dono do time e elevou Valdívia à condição de craque

Só quem percorreu esse caminho de construção de equipe e criou as alternativas necessárias ao longo do tempo pode dar tal demonstração de confiança no grupo e no próprio trabalho. Para os jogadores, reforçou o conceito de que o todo é mais importante do que as partes, sejam elas quais forem. Para os adversários, deixou a mensagem de que possui um arsenal de soluções capaz de variar e se adaptar a cada situação. É claro que se trata de futebol, esse apaixonante esporte no qual uma bola mal recuada ou um chute na trave podem separar a glória do fracasso. Mas o início de trabalho de Aguirre é impressionante.

*Vavá foi editor-chefe da PLACAR. Hoje é empresário de sustentabilidade e colorado doente

SÃO PAULO NO DIVÃ

POR Carlos Eduardo Freitas

*A temporada prometia ser de sucesso para o tricolor. Mas as dificuldades financeiras e a guerra de egos entre **Carlos Miguel Aidar** e **Juvenal Juvêncio** respingam dentro de campo e podem pôr tudo a perder*

© FIDO NESTI

Depois do bom desempenho no vice-campeonato brasileiro do ano passado, 2015 começou com as expectativas altíssimas pelos lados do Morumbi. Mesmo com a já prevista saída de Kaká para o Orlando City (EUA), a manutenção da base forte e a chegada de reforços como Dória, Centurión e Wesley inspiravam confiança. Com as incertezas a respeito do retorno de Tite ao Corinthians, o Palmeiras em reformulação total e o Santos em meio a um desmanche, nenhum dos grandes paulistas tinha uma perspectiva tão positiva nas primeiras semanas do ano quanto o São Paulo.

Seis meses depois, o pentacampeão brasileiro vive a mais grave crise financeira de sua história. O balanço de 2014 indica um déficit de 100,1 milhões de reais em relação ao ano anterior e tem levado o clube, antes exemplo de boa saúde financeira, a atrasos no pagamento dos direitos de imagem de alguns jogadores. E isso, claro, influi dentro de campo. O técnico Muricy não aguentou a pressão e, com problemas de saúde, deixou a equipe. Em seguida, o time caiu nas semifinais do Paulista para o Santos e correu sérios riscos de não se classificar para as oitavas da Libertadores.

Em paralelo a tudo isso — e com ligação direta aos eventos dentro de campo —, a briga aberta entre o presidente Carlos Miguel Aidar e seu antecessor, Juvenal Juvêncio, tem mexido nos bastidores do clube e afetado diretamente os ânimos e as finanças no Morumbi. PLACAR ouviu membros da diretoria, conselheiros e pessoas próximas ao elenco para entender como o São Paulo chegou à maior crise financeira e política de seus 80 anos de história, e como isso tem minado um dos mais caros e estrelados elencos do futebol brasileiro dentro de campo.

©1

©2

Juvenal apoiou Aidar e ajudou a conduzi-lo à presidência. A aliança, porém, foi desfeita depois de uma entrevista do atual mandatário criticando decisões de JJ. Muricy aguentou no comando enquanto a saúde deixou

FOGO AMIGO

Entender a bagunça que virou o São Paulo nos últimos meses nos leva às eleições presidenciais do clube no ano passado. Carlos Miguel Aidar tinha presença discreta nas reuniões do conselho deliberativo do São Paulo nos últimos anos. Presidente do clube em dois mandatos, entre 1984 e 1988, e co-fundador do Clube dos 13, dedicava-se mais à carreira de advogado do que ao clube. Dono de um estilo centralizador e criticado por não criar outras lideranças ao longo de seus três mandatos, Juvenal Juvêncio encontrou apenas em Aidar o candidato capaz de unir a situação, dividida entre nomes como os de Carlos Augusto Barros e Silva, o Leco, Júlio Casares e Roberto Natel. A força do nome do ex-presidente da OAB-SP fez até com que o opositor Kalil Rocha Abdalla se retirasse da disputa.

Com seu indicado eleito, Juvenal imaginou ter conseguido o que queria. Colocou um aliado no poder e continuaria como eminência parda. Para não escancarar isso, saiu estrategicamente de cena. Assumiu a diretoria das categorias de base em Cotia enquanto se tratava de um câncer na próstata. Fisicamente longe do Morumbi, fez questão de se colocar à disposição do novo presidente são-paulino. "Sempre falei que me consultasse para qualquer assunto. Ninguém conhece tão bem o São Paulo quanto eu. Não fazia sentido, depois de nove anos tinha de deixá-lo trabalhar à vontade", diz o ex-mandatário tricolor. "Mas fui completamente traído."

O começo do fogo amigo veio com uma entrevista de Aidar para a *Folha de S.Paulo* em 10 de setembro do ano passado. Nela, o presidente afirmou ter encontrado o clube numa situação "muito pior do que imaginava", culpa de um "jeito de gerir ultrapassado" e "muito acostumado a benesses e pessoas acostumadas a vantagens". Além disso, uma consultoria apontou que o clube, que contava com 950 funcionários, poderia ser gerido por 95. Tudo isso antecipando o déficit de 100,1 milhões de reais no balanço em 2014, o pior ano financeiro da história do São Paulo. Por fim, criticou a gestão em Cotia e deu a entender que Juvenal poderia deixar o comando da base. "Não dá para contemporizar numa gestão profissional", disse. JJ não gostou, rebateu com uma carta no jornal e, quatro dias depois, foi comunicado de sua demissão.

A briga provocou mudanças na estrutura do clube, dividiu o conselho e respingou diretamente dentro de campo. De cara, muitos tomaram as dores de Juvenal. O vice-presidente Roberto Natel, por exemplo, entregou o cargo. "Não posso continuar na diretoria a partir do momento em que o presidente não foi justo com quem o colocou lá", disse ele na ocasião. Aos poucos, Aidar tem conseguido atrair para seu lado antigos aliados de Juvenal — "mas só do baixo clero", argumenta um conselheiro —, irritados com a postura bélica do ex-presidente, que segue no ataque. "Cometi um erro em tê-lo indicado e preciso corrigi-lo", afirma, insinuando que uma renúncia ou o impeachment seriam as melhores saídas para o São Paulo. "O problema é que, para o Juvenal, quanto pior, melhor", rebate um diretor.

> "SEMPRE FALEI QUE ME CONSULTASSE PARA QUALQUER ASSUNTO. NINGUÉM CONHECE TÃO BEM O SÃO PAULO QUANTO EU."
> **Juvenal Juvêncio,** ex-presidente são-paulino e um dos focos de incêndio no clube

©1 FOTOARENA ©2 GETTY IMAGES

PÉS PELAS MÃOS

Aidar registrou déficit de 100,1 milhões de reais em seu primeiro ano de gestão. Salários altos, como os de Rogério Ceni e Luis Fabiano, contribuíram para o número

Por mais que os 100,1 milhões de reais de déficit no primeiro ano de seu mandato sejam uma marca muito negativa, a inabilidade política de Carlos Miguel Aidar tem contribuído ainda mais para minar as relações dentro do São Paulo e a imagem externa, o que complica no relacionamento com outros clubes e com potenciais parceiros. “O Juvenal era um déspota carismático; o Aidar é um frouxo dissimulado”, resume outro conselheiro, que afirma: “Ele não tem pulso para tomar decisões. Precisa criar factoides para, a partir das reações, bater o martelo”.

Logo de cara, atravessou a renovação de contrato entre Alan Kardec e Palmeiras e desembolsou 13,5 milhões de reais para assinar com o atacante. A operação foi classificada pelo presidente alviverde Paulo Nobre como antiética. “Respeito muito o São Paulo, mas, enquanto esse senhor estiver lá, não tem conversa”, disse à PLACAR em janeiro. Em 11 de junho do ano passado, num evento da Rede Globo que reuniu os presidentes dos clubes paulistas que incluía um jantar e uma ida, no dia seguinte, à abertura da Copa do Mundo, Aidar estendeu a mão para Nobre, que recusou o cumprimento. “Não dou a mão para pessoas do seu tipo.” “Foi um constrangimento”, diz um dirigente que presenciou a cena. “O Aidar é visto com bastante antipatia por todos, pelo modo arrogante de ser”, diz.

No dia seguinte, ainda no hotel, o são-paulino ficou isolado, enquanto os outros cartolas bebiam cerveja e pediam a seus assessores que não o deixassem se aproximar. Falavam: “Não traz esse cara para cá”. Antes de chegar ao estádio, o ônibus se perdeu e obrigou os dirigentes a irem caminhando até a Arena Corinthians, em Itaquera. “Um PM se aproximou e quis fazer um agrado ao Mário Gobbi [então presidente do Corinthians]. Perguntou o que gostaria que ele fizesse. O Gobbi respondeu: ‘Leva aquele ali para o 65º DP’ [a delegacia mais próxima do estádio, no bairro de Artur Alvim]. ‘Aquele ali’ era o Aidar”, diz o mesmo cartola.

Dentro do clube, a situação de Aidar se complicou no fim do ano passado, quando foi revelada a existência de um contrato com sua então nova namorada, a empresária Cinira Maturana. Segundo o acordo, ela receberia 20% de comissão em negócios levados por ela para o São Paulo, como busca por patrocinadores, novos jogadores, fornecedores de material esportivo e até mesmo a reforma do Morumbi. A bomba estourou no auge da crise com Juvenal e o presidente, para evitar uma CPI no conselho, rompeu o contrato sem que, segundo Aidar, nada tenha sido realizado.

Enquanto isso, as dívidas do clube só aumentam. Verbas de televisão já foram antecipadas, o clube está prestes a completar um ano sem patrocínio em sua camisa — perda de receita estimada em 30 milhões de reais anuais — e há um gasto mensal de 8 milhões de reais só para pagar o custo com juros e amortização de uma dívida bancária que chega a 160 milhões de reais.

Para diminuir os custos mensais, Aidar já demitiu 100 funcionários e tem enxugado a estrutura do centro de formação de atletas de Cotia, que, segundo o presidente, tem dado menos frutos do que deveria pelos custos que gera. Se não vender nenhum atleta em 2015, a previsão é de que o déficit aumente em 56 milhões de reais. Para piorar, o preço dos ingressos chegou a 140 reais e afastou o torcedor das arquibancadas do Morumbi. E, pela primeira vez na história, o São Paulo, antes tido como modelo de gestão, atrasou o pagamento dos direitos de imagem de alguns dos principais jogadores do elenco. Isso, claro, respingou dentro de campo.

©1 ©2

A RAIVA QUE MOTIVA

Enxugar a folha salarial do departamento de futebol, estimada em 10 milhões de reais, é uma das obsessões de Aidar. No ano passado, apoiou a aposentadoria de Rogério Ceni, maior salário do clube (700 000 reais). "Tem que parar", disse. Para seu desgosto, Kaká, Muricy e Luis Fabiano o convenceram a continuar. O camisa 9 foi o alvo mais recente. Na véspera do jogo contra o Danúbio, disse que não colocaria obstáculos à saída do atacante, que recebe 600 000 reais por mês — o que incomodou o jogador. Sem os dois, a folha mensal seria reduzida em mais de 10%.

> "ESSA É PRA ESSE PRESIDENTE APRENDER A NÃO FALAR MAIS MERDA. CALAMOS A BOCA."
> **De um ídolo tricolor após a vitória por 2 x 0 sobre o Corinthians, na Libertadores**

Em paralelo, o presidente quer desmontar a estrutura armada por seu antecessor no CT, considerada por ele ultrapassada. Com Juvenal fora, conseguiu pressionar Muricy Ramalho até que sua saúde falasse mais alto que o amor pelo clube. Faltam Rogério Ceni e Milton Cruz, últimos dois pilares do quarteto que comandou o futebol são-paulino na última década. Ceni já anunciou que para no fim da Libertadores. Sobre o auxiliar, Aidar tem deixado claro que a decisão de mantê-lo na comissão é do técnico que vier.

Depois da novela que foi a negociação com o argentino Alejandro Sabella e de a diretoria testar na imprensa a receptividade de Vanderlei Luxemburgo, Milton acabou efetivado após garantir a vaga nas oitavas com a vitória por 2 x 0 sobre o Corinthians no Morumbi, a primeira no clássico em casa em oito anos e 13 jogos. Uma estratégia, dizem conselheiros, para que Aidar ganhe tempo para acertar com um dos técnicos com quem sonha. O primeiro da lista é o português André Villas-Boas, técnico do Zenit-RUS e ex-assistente de José Mourinho. Depois, o argentino Jorge Sampaoli, técnico da seleção chilena que disputa a Copa América.

Por mais que os jogadores digam o contrário, a turbulência política e o atraso dos pagamentos têm influído diretamente no time em campo. Depois da vitória sobre o Corinthians, um ídolo do time desabafou com um amigo pessoal em conversa em áudio pelo aplicativo WhatsApp. A mensagem, ouvida pela reportagem de PLACAR, resume o clima no São Paulo. "Essa é pra esse presidente aprender a não falar mais merda. Calamos a boca desse filho da puta." ✖

©1 FOTOARENA ©2 GETTY IMAGES

Há 30 anos, o Uruguai vivia sob a ditadura militar. Presos, como Pepe Mujica, eram proibidos de organizar até mesmo uma pelada. A dois dias de ganhar a liberdade, eles disputaram uma partida em que só havia um desejo: **jogar futebol**

O ÚLTIMO JOGO NO CÁRCERE

POR
Gabriel Tuñez, de Buenos Aires
ILUSTRAÇÕES
André Toma

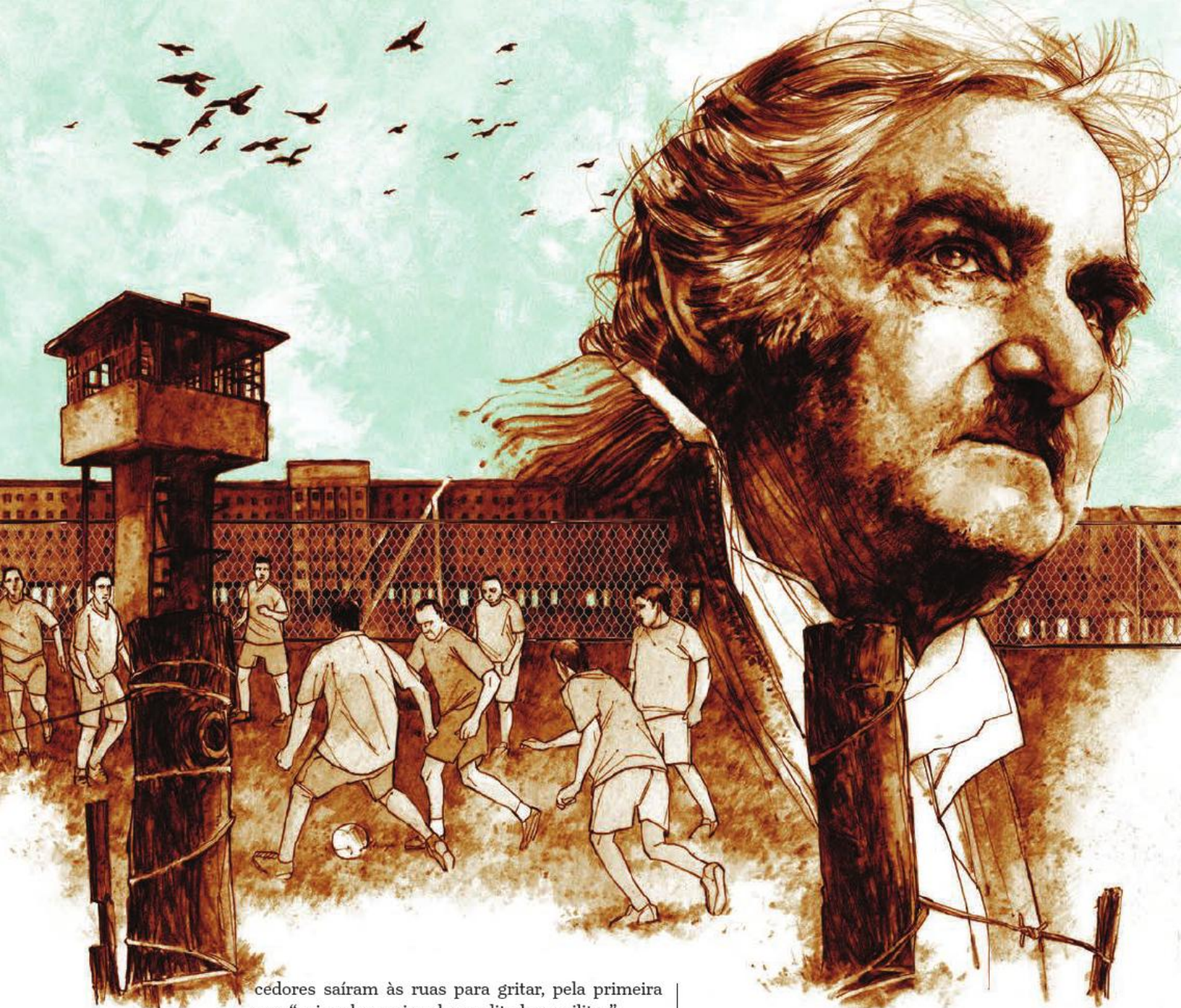
Em 1985, um dos períodos mais turbulentos da história uruguaia acabava: a ditadura militar. Nas detenções, presos como o ex-presidente do país José "Pepe" Mujica — integrante do Tupamaros, grupo guerrilheiro de oposição ao regime — eram proibidos de organizar partidas de futebol. Para driblar a imposição, organizaram ligas clandestinas. A dois dias de ganhar a liberdade, eles disputaram uma partida em que só havia um desejo: jogar futebol.

O aviso, como sempre, chegava nos comunicados apenas distinguíveis em sussurros ou em golpes precisos nas paredes. Os convocados saberiam o que fazer quando saíssem para o pátio da prisão. Não existiam camisetas que os diferenciassem, nem gramado para pisar. Nem mesmo redes nas traves de madeira. Não haveria outra partida ali, a 50 quilômetros do Estádio Centenário, cujas luzes, como na canção do uruguaio Jaime Ross, ressaltam ao longe as noites de Montevidéu.

Os presos políticos da ditadura uruguaia se encontravam, em sua maioria, isolados do resto da população carcerária do presídio de Libertad, uma cidade à beira do Rio da Prata entre a capital uruguaia e Colônia do Sacramento. Haviam sido levados de diferentes prisões, celas úmidas, escuras e compartilhadas com ratos e baratas. Passaram os últimos 12 anos de vida, se assim se pode chamar, entre a loucura, os golpes, as torturas, a fama e a ausência. Escutando vozes que saíam da mente, atormentando as melhores recordações.

"Eu estava alojado no segundo piso do presídio, o setor A de isolamento. O que queria dizer, para ser breve, que só saíamos quando havia o banho de sol e não cumpríamos punições internas", afirma o escritor Carlos Liscano, detido pelo regime militar desde os 23 anos e só liberado aos 36.

Entre as medidas de "segurança" tomadas pelo governo militar uruguaio, responsável pela prisão, uma era proibir que organizassem equipes de futebol no segundo piso. "Reprimiam tudo o que se aproximasse de uma organização. Por esse motivo, foi criada uma liga clandestina. Dois companheiros armavam as equipes e um dia antes eram avisados apenas aqueles que deveriam jogar. Somente eles levavam a ordem escrita e secreta. Quando entravam em campo, cada um sabia onde deveria ficar."

Ao redor do gramado, os alto-falantes emitiam as transmissões de rádio de partidas do fim de semana: o Campeonato Federal de Basquetebol, a Volta Ciclística do Uruguai e, em 1980, o Mundialito organizado pela ditadura, por ocasião dos 50 anos da primeira Copa do Mundo, e que foi disputado pelas seleções campeãs até então – Brasil, Alemanha, Argentina, Itália e Inglaterra, além da Holanda. A Celeste ganhou o torneio e, para surpresa do regime, que esperava a adesão popular como havia acontecido no Mundial de 1978 na vizinha Argentina, os tor-

Os 25 presos só podiam formar dois times. Mujica participava, mas era um "perna de pau"

cedores saíram às ruas para gritar, pela primeira vez, "vai acabar, vai acabar, a ditadura militar".

Liscano havia sido levado ao presídio de Libertad em 1976, quatro anos depois de sua prisão ilegal — aluno da Escola Militar de Aeronáutica, foi detido por supostas conversas ouvidas pelos militares no colégio. O hoje escritor era militante do Movimento de Libertação Nacional Tupamaros, mas nunca havia participado de ações do grupo guerrilheiro, que lutou antes e durante a ditadura e hoje é um dos partidos que integram a chamada Frente Ampla. O ex-presidente Pepe Mujica, que cumpriu o mandato até março de 2015, integrava o grupo.

A poucos metros da cela de Liscano, ainda que quase não se vissem durante o dia, estava Marcelo Estefanell. Ambos militavam nos Tupamaros. A história retrocede hoje aos primeiros meses de 1985, no fim da ditadura. "No cárcere, não tínhamos nenhuma prática desportiva organizada. Só quando havia um campeonato interno [quando era permitido que os presos políticos se encontrassem] nos reuníamos para armar um 11 contra 11. Mas éramos apenas 25 presos muito isolados, o que impedia de armar mais de duas equipes", recorda Estefanell.

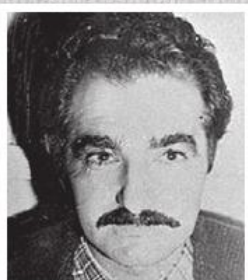
No segundo piso do presídio havia bons jogadores. Pelo menos uma dezena. "Quase todos levavam mais de dez anos presos, assim a falta de exercícios não permitia manter os corpos bem treinados. Além disso, visto hoje em dia, parece incrível que aos 35 anos eu fosse capaz de correr durante os 90 minutos sem parar." Liscano volta a se lembrar da equipe em campo. "Lembro que jogava Eduardo Bonomi, um dos melhores. Um atacante que pegava a bola com uma potência nunca vista. Marcelo era um goleiro de qualidade mediana. O 'Negro López' era, como se dizia então, um bom 'beque direito' [zagueiro que atua pela direita] aguerrido." Estefanell tem a mesma opinião sobre a habilidade de Bonomi. "Era muito bom, um 10 excelente que jogava com a cabe-

ça levantada. Era hábil com as duas pernas, grande passador e temível a cada cobrança de bola parada. Uma espécie de Andrea Pirlo."

No dia 12 de março de 1985, quando a repressão no presídio havia "afrouxado muito" e o momento de liberdade parecia próximo, alguns detentos do último piso tiveram a ideia de jogar a última partida. "Fizeram duas equipes com os melhores jogadores. Eu era um desses 22, mas, quando me perguntaram se estava disposto a jogar, disse que não porque tinha medo de me machucar. Como insistiram muito, e em solidariedade àqueles que durante anos haviam mantido a liga, aceitei. Mas pedi que me colocassem de ponta-direita, um posto em que nunca havia jogado e que imaginava ser de pouco esforço", diz Liscano.

"O Pepe Mujica era horrível jogando futebol. Raúl Sendic, o maior líder daquele grupo, também era um perna de pau", recorda Estefanell.

Os presos receberam o aviso de soltura durante um jogo de truco

OS PERSONAGENS

JOSÉ PEPE MUJICA
Deputado, senador, ministro da Pecuária, Agricultura e Pesca e presidente do Uruguai de 1º de março de 2010 a 1º de março de 2015. Integrou o Movimento de Libertação Nacional Tupamaros, recebeu seis tiros em enfrentamentos com a política ditatorial, fugiu duas vezes da prisão de Punta Carretas e depois passou mais de 12 anos no presídio de Libertad.

EDUARDO BONOMI
Foi ministro do Interior e do Trabalho e Seguridade Social. Pertenceu aos Tupamaros. Esteve detido entre 21 de julho de 1972 e 8 de março de 1985.

CARLOS LISCANO
Ex-integrante dos Tupamaros. Detido pelos militares aos 23 anos, só saiu aos 36. Exilou-se em seguida na Suécia até 1996, quando regressou ao Uruguai. Escritor, foi vice-ministro da Cultura e dirige desde 2010 a Biblioteca Nacional do Uruguai.

MARCELO ESTEFANELL
Detido em 1972, quando cursava o terceiro ano da Faculdade de Veterinária de Montevidéu, por sua militância nos Tupamaros. Levou 1600 livros para o cárcere. Também é escritor.

Já passava do meio-dia em Libertad. O sol caía perfeito e o calor abarcava todo o lugar. Os soldados vigiavam os jogadores atrás do alambrado. Cada vez que a bola ia para longe do gramado, era preciso parar a partida. Um dos detentos tinha que sair para buscá-la caminhando — porque era proibido correr — com as mãos para trás e acompanhado de um soldado. Liscano tem uma recordação dolorosa: "Aquilo que eu temia aconteceu. Saltei para cabecear e, ao cair, inclinei mal o pé e tive uma torsão no tornozelo direito. Saí lesionado e me levaram de volta à cela. Não sei como o jogo terminou".

No fim da partida, no entanto, todos já conheciam a notícia da libertação. "Pepe Mujica levava, bem agarrado, um vaso rosado em que havia plantado mal-me-queres e que já estavam florescidos", recordam Mauricio Rosencof e Heleuterio Fernández Huidobro, dois outros internos do presídio de Libertad, em seu livro *Memórias do Calabouço*.

Na quinta 14 de março, dois dias depois da última partida, chegou a ordem: "Todos para baixo". A maioria correu pelas escadas. Uns poucos se distraíam jogando truco na cela e foram chamados aos gritos antes de subir na van que ia transportar os últimos 42 presos políticos — não só os de Libertad, também os de outras concentrações — até suas casas. "Encontramos Carlos minutos antes de subir no pequeno ônibus que nos levaria para a prisão central de Montevidéu, na chefia de polícia. Fomos o último grupo liberado. Atrás", diz Estefanell, parecendo enxergar com os olhos de hoje, "deixávamos a última cela vazia." Enquanto apressavam o passo, alguns militares advertiam: "Lá fora será mais fácil competir".

NA BASE DA PORRADA

A onda de violência que contamina a formação de novos jogadores

POR Breiller Pires

Ubatã tem pouco mais de 25 000 habitantes e fica no sul da Bahia. O jogo da seleção local contra a do município vizinho de Gandu, em um torneio regional sub-20, fez com que a letárgica rotina da cidade entrasse em convulsão no segundo domingo de março deste ano. Após uma dividida, a torcida invadiu o gramado do estádio Miuzão e deu início à barbárie. Garotos dos dois times distribuíam socos e pontapés. Os visitantes ainda se defendiam dos golpes de torcedores. Em poucos minutos, a entrada dos vestiários entulhava pedaços de pau, estilhaços de garrafas e uniformes rasgados, sujos de sangue. Cerca de dez meninos de 16 e 17 anos saíram feridos. "Parecia uma praça de guerra", conta um membro da comissão técnica de Gandu. "Até mulheres e crianças participaram das agressões."

O enredo de futebol de várzea, no entanto, é replicado com uma frequência alarmante nos celeiros de formação dos principais clubes do país. Há uma epidemia de violência nas categorias de base. Cada vez mais cedo, pilhados por adultos que deveriam zelar por sua educação, crianças e adolescentes têm confundido a virilidade do jogo com a luta livre. No fim do ano passado, a decisão da Liga Gaúcha sub-14 entre Grêmio e Internacional foi paralisada ainda no primeiro tempo por causa de uma pancadaria generalizada. Integrantes da comissão técnica colorada entraram em campo e o preparador físico Eduardo Assis esmurrou a boca de um zagueiro gremista.

Rusgas entre os times de base da dupla Grenal não são recentes. Em 2007, houve conflito na decisão do Estadual de juniores, no estádio Olímpico, que terminou com vitória do Grêmio. Seis anos depois, o Inter faturou a competição sub-16 e, ao fim do jogo, até a taça foi derrubada em meio à batalha campal. "O Grenal mexe com os nervos de todo mundo", diz Francesco Barletta, supervisor da base do Grêmio. "Até jogadores do profissional acabam brigando em situações pontuais. Fazemos um trabalho de conscientização, mas nem sempre conseguimos controlar a rivalidade de jogadores tão jovens."

Ainda em 2014, outro campeonato de base terminou sob a nódoa da violência no Rio Grande do Sul. A final mirim da Copa Safergs teve de ser interrompida aos 40 minutos do segundo tempo quando atletas de Guarany de Bagé e Progresso se pegaram. Em terras baianas, cenas de selvageria como as de Ubatã tornaram-se uma constante em duelos entre Bahia e Vitória nos últimos quatro anos, do infantil aos juniores. O culto a esse tipo de entrevero é propagado na internet. Antes de clássicos, jogadores trocam provocações — e são jurados por rivais — em redes sociais. Por grupos de WhatsApp circulam vídeos de brigas em que os envolvidos se vangloriam de sarrafos e cotoveladas.

"O jogador da base sofre pressão de todos os lados pela vitória", afirma Alexandre Sebben, olheiro e ex-técnico da seleção brasileira sub-14. "Da família, dos técnicos, de empresários e torcedores. Faz parte da formação, que prepara para o ambiente que ele vai enfrentar no profissional." Pressão que não leva em conta a faixa etária dos atletas, mas sim as cores da camisa que defendem. Por pouco o último Campeonato Paulista sub-11 não terminou de forma trágica. O Corinthians levou o título sobre o Palmeiras em uma final tensa no Parque São Jorge, rodeada de ofensas entre pais nas arquibancadas. No fim do jogo, bombas e foguetes foram arremessados em direção ao gramado. Um rojão, que teria sido lançado por um torcedor corintiano, explodiu a menos de 5 metros do grupo alviverde.

Na decisão do Paulista, um artefato lançado no campo explodiu a poucos metros de atletas menores de 11 anos do Palmeiras

"NA BASE, TRATAM O GAROTO COMO JOGADOR FEITO, NÃO COMO CRIANÇA. É UMA GERAÇÃO INDISCIPLINADA."

Luis Fernando de Souza, árbitro que apitou a final com bombas e rojões entre os times sub-11 de Palmeiras e Corinthians

Gremistas e colorados com menos de 14 anos (acima) brigaram na final da Liga Gaúcha do ano passado. Do lado, outra "batalha" no Grenal, dessa vez entre times sub-16, em 2013

"Foi horrível e assustador", conta Gilson Prado, pai de um dos jogadores do Palmeiras que estava no estádio. "A rivalidade contamina muitos pais. Eles se deixam levar pelo fanatismo e transmitem isso para as crianças." Às vezes, até mesmo familiares de atletas se engalfinham durante as partidas.

A erupção do mercado internacional de novos talentos no início da década de 2000 serviu para profissionalizar os departamentos de base dos grandes clubes, equipando-os com alta tecnologia e um corpo técnico engrossado por psicólogos, educadores e assistentes sociais. Ao mesmo tempo, aumentou a competitividade entre as equipes. Rivalidades clubísticas passaram a ser reproduzidas a ferro e fogo na base. Assim como uma comemoração de gol, atitudes violentas de ídolos do time de cima também são copiadas pelos garotos. Alguns deles, inclusive, já ostentam contratos que respondem por boa parte da renda da família e, consequentemente, começam a ser cobrados como adultos. O "processo de profissionalização precoce", como define Ana Christina Brito Lopes, doutora em sociologia e especialista em direitos da infância no esporte, contribui para brutalizar a base. "Essa cultura da busca incessante pelo resultado estimula a violência. Crianças e adolescentes, que são pessoas em desenvolvimento, ficam expostos a uma espécie de 'vale-tudo' no futebol."

Relatos (e fatos) selvagens

Em janeiro, pela Copinha, o torneio de juniores mais tradicional do Brasil, o meia Matheus Cassini e o lateral Matheus Reis trocaram empurrões e cusparadas no clássico entre Corinthians e São Paulo. Um lance não muito incomum em jogos de marmanjos, mas que não deixa de ser sintomático por envolver jogadores que estão no fim de seu ciclo pela base. Reflexo contraditório de uma formação talhada em torno da disciplina,

Jogador de 16 anos do Boca Juniors discutiu com o árbitro no fim do jogo contra o Atlético-MG e se revoltou com expulsão

A CARTILHA SUJA DA BASE

Auxiliar técnico com quase dez anos de experiência em trabalhos de formação revela práticas comuns no meio

Provocações

"Já vi treinador ordenar que um menino puxasse o cabelo do outro ou até passasse a mão em partes íntimas para desestabilizar o adversário e cavar uma expulsão."

Deslealdade

"Se o jogo está pegado, ainda mais em uma decisão, poucos técnicos recomendam prudência aos garotos nas jogadas. Pelo contrário, incitam a violência. Alguns mandam bater, sem dó."

Simulação

"Trabalhei com uma comissão técnica de sub-15, em time menor, que ensinava os jogadores a cavar faltas. Um dia questionei esse método e ameaçaram me demitir."

Truculência

"Desde pequenos, os atletas se dirigem aos árbitros com agressividade e desrespeito. Revidam na mesma moeda, já que a arbitragem não educa, apenas se impõe com gritos e xingamentos."

"Maldades"

"Os técnicos perdem a mão ao tentar ensinar pequenas malícias do futebol às crianças. Elas acabam achando que ser 'boleiro', o bom malandro, é dar cotovelada ou cuspir no rosto do rival."

©1 ARQUIVO PESSOAL ©2 REPRODUÇÃO DE TV

Elivelton: do susto na base vascaína ao recomeço no Primavera de Indaiatuba

com métodos rígidos de respeito às regras e à hierarquia dos clubes, semelhantes aos de organizações militares. "O futebol é um 'esporte de invasão', simboliza uma guerra entre dois exércitos em que o objetivo de um é dominar o espaço do outro. É também um espelho do nosso tempo, de uma sociedade que tem pouco tempo para os filhos. Atos violentos dos garotos na base são um indicativo da carência de estrutura familiar", afirma o educador e pesquisador Mario Luiz Couto Barroso, autor de estudos sobre futebol e violência.

Clubes mais estruturados reconhecem o problema e tentam contra-atacá-lo. O Palmeiras faz reuniões trimestrais com os pais de seus atletas da base e orienta para que torçam pelos filhos sem hostilizar adversários. Depois da briga no Grenal sub-14, o Inter demitiu os dois profissionais de sua delegação envolvidos nas agressões aos meninos do Grêmio. Os dois clubes abriram mão de disputar uma nova final e o troféu foi entregue ao Juventude, terceiro colocado na competição. Duas semanas depois da confusão, ambos organizaram um encontro entre seus times para uma palestra com o ex-zagueiro Régis, que superou 19 dias de internação à beira da morte e teve de encerrar a carreira precocemente por causa de um soco de Darzone, há 15 anos.

Medidas também vêm sendo tomadas para tornar a relação entre arbitragem e garotos mais pedagógica, como a orientação em alguns campeonatos de não expulsar e usar a punição com cartão a jogadores com menos de 16 anos apenas em último caso. No entanto, assim como no profissional, o encontro entre as partes não costuma ser harmonioso. Árbitros reconhecem que, por vícios da atividade, acabam cometendo excessos ao utilizar o mesmo tipo de conduta que mantêm com atletas mais velhos. Por outro lado, criticam o comportamento de técnicos e pais que insuflam jogadores contra o apito. "Na base, tratam o garoto como jogador feito, não como uma criança. É uma geração indisciplinada, sem noção de limites", diz o árbitro Luis Fernando dos Prazeres de Souza, que apitou a final do sub-11 entre Palmeiras e Corinthians e afirma já ter recebido diversos xingamentos e cusparadas de jovens atletas em suas incursões pela base.

Em 2011, um jogador argentino de 16 anos, do Boca Juniors, teve um acesso de fúria após levar cartão vermelho e agrediu o árbitro da partida contra o Atlético-MG em torneio internacional realizado em Belo Horizonte. Prova de que a violência nas categorias de base não é exclusividade do futebol brasileiro. Nem por isso ela deve ser relativizada. Um mero embate amistoso pode provocar reações extremas em crianças e adolescentes. O bandeirinha holandês Richard Nieuwenhuizen foi espancado em campo por cinco jogadores de 15 e 16 anos. Pai de um dos atletas juvenis do time adversário, ele morreu no hospital menos de 24 horas depois da partida, em dezembro de 2012, devido a severas lesões no cérebro, já que havia recebido vários chutes na cabeça no momento em que o grupo o derrubou. No ano seguinte, o árbitro Ricardo Portillo recebeu um soco pelas costas de um goleiro de 17 anos, em Salt Lake City, nos Estados Unidos. Ficou oito dias em coma, mas, assim como Nieuwenhuizen, não resistiu. Tinha quase o triplo da idade de seu agressor. ☒

O SOBREVIVENTE

Ele perdoou o goleiro-algoz, mas sua carreira entrou em declínio depois de uma voadora

Em 2011, o volante Elivelton jogava pelo Vasco quando foi atingido na nuca por uma voadora do goleiro Gustavo, do Sport, pela Taça BH de juniores. Ele deixou o campo desacordado, em uma ambulância. Dispensado do time carioca, passou seis meses sem clube no ano passado e pensou em parar. Hoje, aos 23 anos, tenta se reerguer no Primavera, que disputa a terceira divisão de São Paulo. "Por sorte, não tive uma lesão grave depois daquela agressão. Minha mãe estava assistindo ao jogo pela TV e ficou em choque. Na hora, parecia que tinha sido fatal."

EDIÇÃO *Paulo Jebaili*

Planeta bola

craques e bagres que fazem o futebol no mundo

Blanco contra André Luís na Copa Ouro de 1996: carreira pontuada de títulos

NÃO PASSOU EM BRANCO

Ídolo mexicano encerra carreira que teve vitórias sobre o Brasil entre os pontos altos

O título da Copa do México pelo Puebla este ano será lembrado também pela despedida do meia Cuauhtémoc Blanco dos gramados, aos 42 anos. A vitória por 4 x 2 sobre o Chivas foi o ponto final dos 23 anos de carreira do jogador, que havia chegado ao clube em maio de 2014 após passar por quatro equipes da segunda divisão. Em 2010, deixou o Chicago Fire-EUA e regressou ao seu país. Aos 37 anos, foi chamado para disputar a Copa do Mundo da África do Sul, a terceira de sua carreira. Blanco foi o primeiro jogador de segunda divisão a ser convocado para a seleção mexicana.

Com a camisa verde, o meia conquistou dois títulos da Copa da Concacaf (1992 e 2006), dois da Copa Ouro (1996, em cima do Brasil, e 1998) e a Copa das Confederações de 1999, ao bater a seleção brasileira na final. Blanco foi o artilheiro da competição com seis gols, ao lado de Ronaldinho Gaúcho.

No futebol mexicano, sua imagem está muito associada ao América, clube pelo qual passou quatro vezes e onde se tornou o segundo maior artilheiro, com 152 gols, 40 a menos que Zaguinho, jogador de ascendência brasileira.

Blanco cogitou virar treinador, mas sua recente filiação a um partido sinaliza que seu próximo passo pode ser no campo da política.

Gomes assumiu o risco de disputar a Segundona e subiu junto com o Watford

I'll be back

Sem deixar Londres, Gomes volta ao topo do futebol inglês com o modesto Watford

Após perder espaço no Tottenham, o goleiro brasileiro Gomes topou ir para o Watford, time dos arredores de Londres que disputava a segunda divisão. No fim de abril, o clube voltou à Premier League, após oito anos.

O que essa conquista do Watford representa para a sua carreira?
Foi incrível. A decisão de jogar pelo Watford aconteceu após uma conversa de 5 minutos com o dono do time. Além de continuar morando em Londres, o projeto era voltar à Premier League. Abracei o desafio. Foi uma aposta que se mostrou acertada.

> "FOI UMA APOSTA QUE SE MOSTROU ACERTADA"

Há muita diferença entre a Championship e a Premier League?
Em termos de volume de jogo, não. Os jogos são intensos. E na Championship até o 15º colocado tem condição de lutar pelo título. Na Premier League, são cinco ou seis, é mais previsível. Os estádios ficam lotados. Você vai a Leeds, são 50 000 pessoas. Em termos de estrutura, não fica nada a dever. Há uma diferença financeira e também no nível técnico. Mas existem muitos jogadores de seleção de outros países, República Tcheca, Hungria, Suíça, que veem na Championship uma oportunidade de chegar à Premier League.

A sua expectativa é de continuar no Watford?
O contrato era de um ano com opção de renovar por mais um ano. Acho que as duas partes vão se acertar. Eu gostaria de um contrato mais longo e ficar para disputar a Premier League, que é o melhor campeonato do mundo. Recebi propostas, mas para deixar Londres tem de ser algo muito bom, extraordinário.

"Não quero mais falar sobre a minha aparência, meu cabelo ou qualquer outra coisa nesse sentido. Isso me deixa puto." **OLIVIER GIROUD, ATACANTE DO ARSENAL, INCOMODADO PELOS COMENTÁRIOS MAIS FREQUENTES SOBRE SEU VISUAL DO QUE SOBRE SEU FUTEBOL**

Gol de Quagliarella e o fim do tabu em Turim

UM GOL POR DUAS DÉCADAS

Quando Fabio Quagliarella marcou o gol da vitória de 2 x 1 do Torino sobre a Juventus, na 32ª rodada do Italiano, decretou o fim de uma escrita de 20 anos no dérbi de Turim. Desde a última vitória, em abril de 1995, a equipe grená havia amargado 13 derrotas e quatro empates.

VEJA OUTRAS SUPREMACIAS EM DÉRBIS

22 jogos
HEARTS X HIBERNIAN
Edimburgo - ESC
1989-94

16 jogos
UNITED X CITY
Manchester - ING
1990-01

15 jogos
LIVERPOOL X EVERTON
Liverpool - ING
1972-78

15 jogos
LYN X VALERENGA
Oslo - NOR
2002-06

Bem orientado

Atacante brasileiro participa de campanha surpreendente do Gamba Osaka

Em 2013, o Criciúma brigou até a última rodada para não cair para a série B do Brasileiro. Conseguiu. A campanha foi claudicante, mas teve como destaque o atacante Lins, com gols que lhe renderam apelidos como Linswandowski e Bruce Lins.

O faro de artilheiro o levou para o outro lado do mundo. Em 2014, assinou com o Gamba Osaka, que havia conquistado o título da Segundona japonesa. De volta à J-Ligue 1, o time foi campeão da primeira divisão e ainda faturou a Copa do Japão e a Copa do Imperador. Mas o começo da trajetória não indicava esse desfecho. O Gamba demorou a engrenar e sugeria que a briga ia ser para não cair. "Ninguém apostaria no time", diz Lins. "Até a parada para a Copa do Mundo, não tinha conseguido uma sequência boa."

A virada aconteceu a partir de um momento de descontração. "O treinador levou o time para uma churrascaria, para bater papo, unir o grupo", diz o atacante. Mas já nos treinos havia um clima de superação. "O time queria dar a volta por cima. Ficou mais concentrado, mais solidário. Cada um começou a dar um algo a mais nos treinamentos", diz. E o jogo encaixou.

Na tríplice coroa, Lins fez 39 jogos, oito gols e duas assistências. A adaptação veio aos poucos. "O futebol aqui é bem mais rápido. No Brasil, eu fazia a sombra no adversário e ficava mais preparado para arrancar quando o time retomava a posse de bola. Aqui, é preciso acompanhar o lateral, marcar mesmo. Mas isso está sendo bom para o meu futebol", afirma. Na atual edição da J-League, o Gamba está de novo no topo da tabela na briga pelo título.

Lins: brilha muito no Gamba Osaka

A Alemanha campeã sub-21 de 2009: daqui saíram Neuer, Boateng, Khedira, Höwedes, Özil...

A Olimpíada de chuteiras

A fase decisiva do Europeu sub-21 começa neste mês com oito seleções disputando quatro vagas diretas para os jogos do Rio. Veja quem o Brasil corre o risco de encarar em 2015

POR Paulo Jebaili

REP. TCHECA
O time estava previamente classificado entre os oito por ser o anfitrião. Mas a fase não é das melhores: em seis amistosos em 2014, ganhou apenas um.

OLHO NELE: O versátil ***Tomás Kalas*** é zagueiro, mas pode atuar na lateral direita. Aos 21 anos, pertence ao Chelsea.

SUÉCIA
Despachou a França no play-off no torneio. Se todo bom time começa por um bom goleiro, a Suécia pode se considerar privilegiada. Patrik Carlgren e Jacob Rinne se revezaram e fecharam o gol.

OLHO NELE: ***John Guidetti*** é o artilheiro da equipe na competição, com quatro gols. Pertence ao Manchester City e está emprestado ao Celtic.

INGLATERRA
Sobrou na primeira fase: fez 28 pontos, 12 a mais que a Finlândia, segunda colocada. Conta com ótima safra de atacantes: Said Berahino, Raheem Sterling, Harry Kane, Ross Barkley e Jack Wilshere.

OLHO NELE: ***Nathan Redmond***, meia do Norwich. Jogador liso, destaca-se pelos dribles rápidos e pelos chutes de média distância.

ALEMANHA
A sub-21 alemã é mais uma prova do trabalho de base que o país vem fazendo. Há talentos em todos os setores, como o zagueiro Matthias Ginter, o meia Max Meyer e o atacante Philipp Hofmann.

OLHO NELE: O meia ***Leonardo Bittencourt***, 21 anos, nasceu em Leipzig, mas é filho do ex-atacante brasileiro Franklin, ex-Fluminense.

DINAMARCA
A equipe tanto pode fazer uma exibição de gala como pecar pela apatia. Conseguiu goleadas, como o 8 x 0 sobre a Estônia e 7 x 1 sobre a Bulgária.

OLHO NELE: O zagueiro ***Jannik Vestergaard*** prima pela boa colocação. Revelado pelo Brondby-DIN, assinou contrato com o Werder Bremen até 2018.

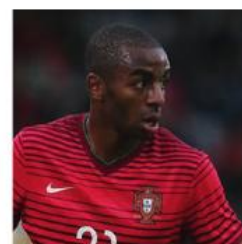
ITÁLIA
O atual time tem uma defesa sólida e opções de talento na frente, como Berardi, Belloto, Bernardeschi e Longo.

OLHO NELE: Aos 20 anos, ***Domenico Berardi*** é considerado um dos mais promissores atacantes de sua geração. Surgiu no Sassuolo.

SÉRVIA
Foi a segunda do grupo, 2 pontos atrás da Itália. Mas foi no play-off que realizou seu maior feito até agora: despachou a Espanha.

OLHO NELE: O meia-atacante ***Aleksandar Pesic*** tem a mesma facilidade tanto para finalizar como para dar assistências. Leitura de jogo de um veterano.

PORTUGAL
Venceu todos os oito jogos que fez na fase de grupos. Tem um meio-campo que sabe trabalhar a bola, com Bernardo Silva e Sérgio Oliveira.

OLHO NELE: O atacante ***Ricardo Pereira*** foi autor de cinco gols e duas assistências na boa campanha lusitana até aqui. Pertence ao Porto.

QUEM MAIS VEM

ÁSIA
Os três primeiros colocados do sub-23 que será realizado em janeiro no Catar. São 14 seleções na disputa, incluindo a Austrália, que geograficamente faz parte da Oceania.

ÁFRICA
O torneio sub-23 também classifica os três melhores para a Olimpíada. Será disputado em dezembro, no Senegal.

CONCACAF
Os dois primeiros do octogonal se classificam direto e o terceiro disputa vaga com o vice da América do Sul, a Colômbia. Será nos EUA.

AMÉRICA DO SUL
A Argentina garantiu vaga ao conquistar o Sul-Americano sub-20. A vice Colômbia aguarda o terceiro lugar da Concacaf para um play-off em março de 2016.

OCEANIA
O representante do continente sairá dos Jogos do Pacífico, em julho, na Papua-Nova Guiné.

Torcida

O SENTIDO DO FUTEBOL

Nos últimos cinco anos, o fotógrafo polonês radicado na Alemanha ***Przemek Niciejewski*** *percorreu estádios na Europa, mas encontrou a paixão nas arquibancadas do Borussia Mönchengladbach e nas ligas menores. As fotos, exibidas na exposição "Going to the Match", que já passou pela Holanda, tentam capturar essa essência do torcedor*

Fora de casa? Invasão maciça de torcedores do Mönchengladbach em partida da Liga Europa, em Zurique (Suíça)

Uma partida das divisões amadoras da Polônia, entre o LZS Maslowice e o LKS Balucz, no vilarejo de Maslowice

“Você pode encontrar milhares de fotos de Messi e Neymar, mas poucas sobre a cultura do futebol”

É gol! Torcida do Borussia em festa contra o Colônia, pela Bundesliga

"Futebol é mais do que um jogo. Para muitas pessoas, é o sentido da vida."

No canto, à esquerda: fãs do Gladbach escalam as grades do estádio do Homburg, das ligas regionais, pela Copa da Alemanha; ao lado, torcedor do Jantar, em Ustka, na Polônia

Padre aficionado pelo Borussia, em jogo da Bundesliga (no canto). Movimentação de placar na Terceirona alemã, em jogo entre o Fortuna Cologne e o Stuttgarter Kickers

EDIÇÃO *Marcos Sergio Silva*

Placar pédia

Números e curiosidades que explicam o futebol

O FIM DA ERA KLOPP

O carismático técnico do Borussia Dortmund encerrou seu ciclo vitorioso no clube alemão após sete temporadas

Mesmo com contrato até 2018, o treinador de 47 anos decidiu que era hora de buscar novos rumos após a decepcionante campanha na Bundesliga. Mas isso não abalou seu prestígio no clube. Além de títulos, Jürgen Klopp deixou uma legião de fãs pelo seu estilo divertido e cativante e números importantes. Vice-campeão da Liga dos Campeões de 2013, Klopp conseguiu que o Dortmund fizesse frente ao poderoso Bayern Munique nos últimos anos.

Klopp no Dortmund

De 23/5/2008 a 30/5/2015

55º
técnico na história do clube

2º
técnico com mais títulos, atrás apenas de Ottmar Hitzfeld, que ganhou uma Liga dos Campeões (1997), dois Campeonatos Alemães (1995 e 1996) e duas Supercopas da Alemanha (1995 e 1996)

5
vitórias seguidas sobre o Bayern Munique entre 2010 e 2012, quando foi campeão da Supercopa Alemã com uma vitória de 5 x 2.

No Campeonato Alemão
313 jogos
177 vitórias
69 empates
67 derrotas
56,5% de aproveitamento

Títulos
Camp. Alemão (2011 e 2012)
Copa da Alemanha (2012)*
Supercopa da Alemanha (2013 e 14)
*FINALISTA EM 2015

Dortmund na Bundesliga

Antes de Klopp		Era Klopp	
2002	1º	2009	6º
2003	3º	2010	5º
2004	6º	2011	1º
2005	7º	2012	1º
2006	7º	2013	2º
2007	9º	2014	2º
2008	13º	2015	9º

RECEITA COM COTAS DE TV DOS CLUBES EM 2014

Estaduais, Copa do Brasil, Libertadores, Brasileirão e série B (em milhões de reais)

Clube	Receita
FLAMENGO	115
CORINTHIANS	108,7
PALMEIRAS	80,7
ATLÉTICO-MG	80,4
SÃO PAULO	77,9
VASCO	72,9
CRUZEIRO	66,3
SANTOS	61,7
FLUMINENSE	61,3
GRÊMIO	59,7
INTER	59,3
BOTAFOGO	48,6

MAIORES MÉDIAS DE PÚBLICO DOS ESTADUAIS E REGIONAIS 2015 E O AUMENTO EM RELAÇÃO À MÉDIA DE 2014

Competição	Média	Variação
COPA DO NORDESTE	7 830	(11%)
PAULISTA	7 605	(40%)
MINEIRO	5 377	(26%)
CARIOCA	5 372	(89%)
GAÚCHO	4 587	(92%)
COPA VERDE	4 389	(-24%)
PERNAMBUCANO	4 323	(-42%)
CATARINENSE	3 562	(2%)
CEARENSE	3 407	(17%)
PARANAENSE	3 152	(-1%)

MAIORES JEJUNS DE TÍTULOS ESTADUAIS ENTRE OS 12 GRANDES*

Anos	Clube	Período
23	Corinthians	1954-1977
22	Santos	1984-2006
21	Botafogo	1968-1989
18	Palmeiras	1976-1993
14	Grêmio	1932-1946
13	São Paulo	1957-1970
12	Fluminense	1924-1936
12	Flamengo	1927-1939
12	Vasco	1958-1970 e 2003-2015
11	Atlético-MG	1915-1926
11	Cruzeiro	1945-1956
8	Internacional	1961-1969

*Em anos

6 REMANESCENTES DA COPA AMÉRICA DE 2011 ESTARÃO NA SELEÇÃO DE DUNGA NO CHILE EM 2015

Jefferson

David Luiz

Thiago Silva

Elias

Neymar

Robinho

3ª COPA AMÉRICA

MAIS PARTIDAS DISPUTADAS EM LIBERTADORES

1. **Ever Hugo Almeida (URU)** 113 jogos (1973-1990)
2. **Anthony de Ávila (COL)** 94 jogos (1983-1998)
3. **Vladimir Soría (BOL)** 93 jogos (1986-2000)
4. **Willington José Ortiz (COL)** 92 jogos (1973-1988)

5. **Rogério Ceni (BRA)** 89 jogos (2004-2015)

200 JOGOS

Completou o técnico ***SIMEONE*** no Atlético de Madri-ESP no mês de junho, com **127 vitórias, 40 empates e 33 derrotas**, aproveitamento de 70,2%, o maior da história do clube. Pela equipe, o argentino ganhou um título espanhol (2014), uma Copa da Espanha (2013), uma Supercopa da Espanha (2014), uma Liga Europa (2012) e foi vice-campeão da Liga dos Campeões em 2014.

ELENCOS MAIS VALIOSOS DO BRASILEIRÃO DE 2015

EM MILHÕES DE REAIS

Clube	Valor
SÃO PAULO	300,3
CRUZEIRO	299,3
CORINTHIANS	255
PALMEIRAS	252,9
INTERNACIONAL	209,7
ATLÉTICO-MG	206,2
FLAMENGO	195,8
GRÊMIO	159,5
FLUMINENSE	158,1
SANTOS	154
ATLÉTICO-PR	132,9
SPORT	96,2
FIGUEIRENSE	91,3
VASCO	82,7
CORITIBA	76,5
CHAPECOENSE	63
JOINVILLE	61,9
GOIÁS	53,6
PONTE PRETA	51,9
AVAÍ	47,1

MEU TIME DOS SONHOS

Um craque do passado monta sua equipe perfeita

O ESQUADRÃO DE

PAULO ISIDORO

Bola de Ouro de 1981, pelo Grêmio, e parte da mítica seleção de 1982, só lamentou não colocar mais gente: "É ruim deixar tanta gente de fora"

ESQUEMA
4-4-2

GOLEIRO

RODOLFO RODRÍGUEZ

"Tinha muita autoconfiança. A gente sabia que ele segurava a onda lá atrás."

ZAGUEIRO

HUGO DE LEÓN

"Era técnico, mas sabia a hora de dar chutão. Tinha esse lado uruguaio de raça."

ZAGUEIRO

LUIZINHO

"Ia combinar com o Hugo. Não se desesperava na grande área."

LATERAL ESQ.

ROBERTO CARLOS

"Posição muito difícil, mas vou ficar com o Roberto pela experiência internacional."

LATERAL DIR.

LEANDRO

"Além da técnica, apoiava muito. Começou a evolução dos laterais."

VOLANTE

ZÉ CARLOS

"Era um primeiro volante com boa visão de jogo. Joguei muito contra ele."

MEIA

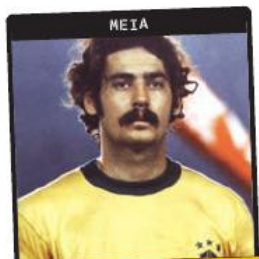
CEREZO

"O desarme era muito bom. Chamavam de peladeiro, mas hoje volantes jogam como ele."

MEIA

ZICO

"Joguei com ele e contra ele. Era melhor jogar junto. Tinha qualidade indiscutível."

MEIA

RIVELLINO

"Pelos chutes e a visão de jogo nos seus lançamentos. Iria completar esse meio."

ATACANTE

PELÉ

"Pelo porte físico, pelos gols que marcou e por tudo que conquistou, fenomenal."

ATACANTE

CARECA

"Gostei muito da dupla com o Maradona. Tinha um poder de finalização muito bom."

Marcelo Tavares
Fortaleza (CE)

Em 18/4, Messi fez 400 gols oficiais pelo Barcelona. Mas o argentino sempre participa de jogos festivos, torneios amistosos. Levando em conta seleção sub-20 e Olimpíada, quanto gols ele já fez?

R: Messi já chegou ao meio milhar de gols, Marcelo. Pelo Barcelona, além dos 407 gols em jogos oficiais, o argentino fez 28 em partidas amistosas. E ainda tem gols marcados pelos times sub-23 catalães. No Barcelona B, por exemplo, ele fez seis gols. Na versão C, foram cinco. A isso, Messi pode somar os 45 gols pela seleção principal, mais dois pela olímpica e 14 pela sub-20. Essa conta toda dá exatos 507 gols para a Pulga.

O 400º gol de Messi, contra o Valencia. Fora esse, ele tem mais 107

OS GOLS DE MESSI*

EQUIPE	GOLS
BARCELONA	407
BARCELONA B	6
BARCELONA C	5
SELEÇÃO	45
SEL. OLÍMPICA	2
SELEÇÃO SUB-20	14
TOTAL	507

*Até 10/5

Vitorio Deziro
vitoriodeziro@hotmail.com

Gostaria que vocês solucionassem minha dúvida em relação ao artilheiro da Copa do Brasil de 2008. Pesquisando em várias fontes, encontrei em três lugares diferentes Edmundo, do Vasco, mas outras duas dão Wellington Paulista (Botafogo-RJ) e Romerito (Sport) com a mesma marca. Quem realmente foi o artilheiro dessa competição?

R: Não foi fácil, Vitorio, mas pesquisamos os gols dos três jogadores citados. E nenhum deles fez mais gols do que Edmundo naquela competição. Então, por que a confusão? Uma delas é bem complicada. O Wellington Paulista, de fato, fez seis gols na Copa do Brasil de 2008. Mas um deles, contra o Atlético-MG, no Engenhão, pelas quartas de final, foi creditado pelo árbitro Evandro Rogério Roman para o meia Zé Carlos, que cabeceou um cruzamento em direção ao gol. Wellington deu um leve toque na bola antes de ela entrar, mas o juiz desconsiderou a ação. Portanto, para a CBF, o atacante botafoguense fez apenas cinco gols. Romerito aparece em uma das listas por um erro do site de estatísticas de futebol RSSSF Brasil. Ele credita ao meia rubro-negro o quarto gol marcado pelo Sport contra o Brasiliense, na Ilha do Retiro, na fase de oitavas. Romerito, no entanto, apenas fez a assistência para Enilton completar para o gol.

O gol de Wellington Paulista que o juiz deu para Zé Carlos deixou Edmundo sozinho na artilharia

DA CHUTEIRA À BOLA

Enquanto os artilheiros já caçam seus prêmios, PLACAR começa a avaliar os melhores do Brasileiro

A Chuteira de Ouro já está a toda. Com o fim dos Estaduais e das Copas do Nordeste e Verde, Robert, do Sampaio Corrêa, segue na liderança. Mas ele tem um problema: seus gols passarão a valer somente 1 ponto a partir de agora. Seu time está na série B do Brasileiro.

Sorte, portanto, dos artilheiros que estão no Brasileirão. Alexandre Pato, a 1 ponto de Robert, já aparece como um dos grandes concorrentes. Tem a vantagem de disputar paralelamente a Libertadores, competição em que pode conquistar mais pontos. Ricardo Oliveira, Fred, Marcelo Cirino, Alecsandro e Guerrero têm a mesma vantagem.

Além da Chuteira, eles concorrerão à Bola de Prata. A 46ª edição do prêmio, uma parceria da PLACAR e dos Canais ESPN, já avalia os jogadores do Brasileiro desde a primeira rodada, nos dias 9 e 10 de maio. Aos poucos, os candidatos à Bola de Prata em cada posição irão aparecer. Por ora, na primeira rodada, Diego Souza, do Sport, e Walter, do Atlético-PR, tiraram a melhor nota: um 7,5 na partida de estreia de seus clubes.

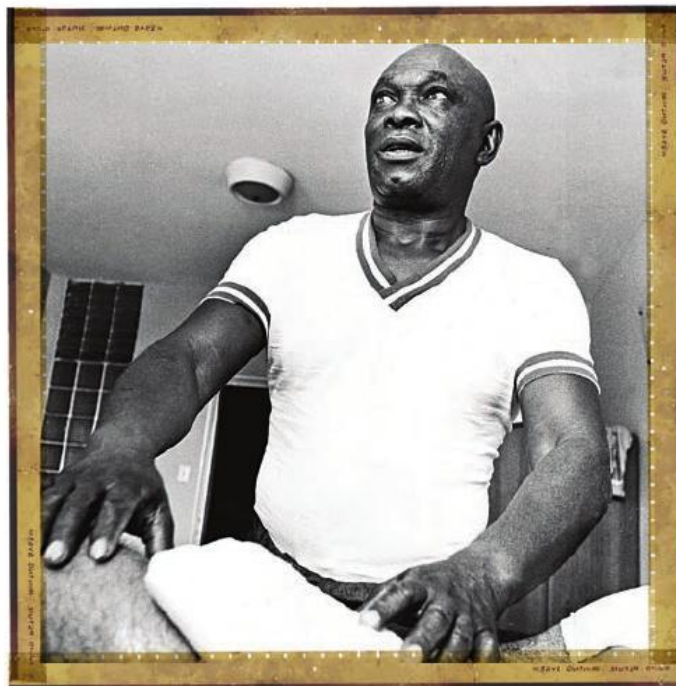
Algum deles terá a chance de igualar os feitos de Romário em 2000 e Neymar em 2011 e 2012? São mais seis meses para que craques confirmem o favoritismo ou zebras apareçam.

Pato: perto da liderança da Chuteira

Chuteira de Ouro 2015

RESULTADO PARCIAL até 11/5

	JOGADOR	TIME	S (2)	BRA (2)	CB/L (2)	CS (2)	CN (2)	EST (2)	EST (1)	PTS
1	ROBERT	*Sampaio Corrêa*	0	0	8(4)	0	10(5)	0	7(7)	25
2	ALEXANDRE PATO	*São Paulo*	0	2(1)	6(3)	0	0	16(8)	0	24
3	LEANDRO DAMIÃO	*Cruzeiro*	0	0	6(3)	0	0	18(9)	0	24
4	MAX	*América-RN*	0	0	2(1)	0	12(6)	0	9(9)	23
5	RICARDO OLIVEIRA	*Santos*	0	0	0	0	0	22(11)	0	22
6	FRED	*Fluminense*	0	0	0	0	0	22(11)	0	22
7	MICHEL	*Passo Fundo-RS*	0	0	0	0	0	22(11)	0	22
8	MARCELO CIRINO	*Flamengo*	0	0	2(1)	0	0	18(9)	0	20
9	ALECSANDRO	*Flamengo*	0	0	2(1)	0	0	18(9)	0	20
10	GUERRERO	*Corinthians*	0	0	8(4)	0	0	12(6)	0	20
11	KIEZA	*Bahia*	0	0	2(1)	0	10(5)	0	8(8)	20
12	KIROS	*Porto-PE*	0	0	0	0	0	0	19(19)	19
13	RODRIGO PINHO	*Madureira*	0	0	2(1)	0	0	16(8)	0	18
14	CRISLAN	*Penapolense*	0	0	0	0	0	18(9)	0	18
15	BILL	*Botafogo*	0	0	6(3)	0	0	12(6)	0	18
16	GILBERTO	*Vasco*	0	0	0	0	0	18(9)	0	18
17	RAPHAEL LUCAS	*Coritiba*	0	2(1)	2(1)	0	0	0	12(12)	16
18	LUCAS PRATTO	*Atlético-MG*	0	0	4(2)	0	0	12(6)	0	16
19	MAGNO ALVES	*Fluminense*	0	0	0	0	10(5)	0	6(6)	16
20	VALDÍVIA	*Internacional*	0	0	4(2)	0	0	12(6)	0	16

S: SELEÇÃO **BRA:** SÉRIE A **CB:** COPA DO BRASIL **L:** LIBERTADORES **CS:** COPA E RECOPA SUL-AMERICANA
CN: COPA DO NORDESTE **EST:** PRINCIPAIS ESTADUAIS **EST/B:** DEMAIS ESTADUAIS E SÉRIE B

Mário Américo

O POMBO-CORREIO

Nenhum jogador ou técnico participou de tantas Copas. Como massagista, Mário Américo conseguiu ser mais importante que muitos jogadores

POR ***Dagomir Marquezi***

Massagistas de futebol entram em campo, dão um jeito no jogador e somem sem que ninguém pergunte seu nome. Nelson Rodrigues matou a charada meio século atrás: "Um bandeirinha consegue ser vaiado. Não o massagista, que não inspira nada: nem amor, nem ódio. E, no entanto, apesar da humildade sufocante de suas funções, o massagista pode ser uma dessas figuras capitais, que resolvem o destino das batalhas". Um (e apenas um) massagista escapou do anonimato: Mário Américo, o Massagista das Estrelas, o Mão de Ouro, o Pombo-Correio. Ele saía nas fotos com o time. Ganhava faixa de campeão. Nenhum jogador ou técnico participou de tantas Copas.

Mário Américo nasceu em Monte Santo de Minas, em 12 de julho de 1912. Vendia balas aos 7 anos. Aos 8, fugiu de casa e foi morar com um primo em São Paulo. Virou baterista (conhecido como "Mário Neguinho"), mas não pôde exercer por ser menor de idade. Em seguida, sem parar de movimentar as mãos, tornou-se pugilista pelo Madureira, no Rio de Janeiro.

Em 1937, levou uma surra daquelas no ringue. Depois da luta, recebeu a visita do médico do clube, que o aconselhou a se afastar do boxe. E abriu uma porta: a vaga de massagista.

Matriculou-se na Escola Nacional de Educação Física. Sete anos depois, foi para o Vasco. Em 1951, contra a Portuguesa, em um quebra-pau em campo, acertou um direto em Mário Augusto Isaias, também ex-boxeador. E que era presidente da Lusa. Um ano depois, o Vasco voltou a jogar com a Portuguesa. Mário foi se desculpar. O dirigente respondeu: "Eu estou precisando de homem bravo. Quer trabalhar na Lusa?"

Nos 19 anos seguintes, permaneceu no Canindé. Virou torcedor. Mas não foi nos clubes que se tornou celebridade. Ele atuou como massagista da seleção por sete Copas, de 1950 a 1974. Seus passaportes tinham carimbos de 77 países.

Mário Américo inventou um "cinto de utilidades" para levar suas pomadas e loções para o campo. Era também um ator do gramado. Ele mandava um sinal ao jogador em campo, que imediatamente desabava, fingindo uma contusão. O Pombo-Correio então fingia que cuidava do atleta e passava as novas instruções do técnico. Foi ator fora do campo também, no filme *Asa Branca: um Sonho Brasileiro*, de 1981.

Na final da Copa do Chile, em 1962, recebeu a missão de roubar a bola. Agiu rapidamente e deixou o juiz furioso. Mário a devolveu enrolada numa toalha, com pedido de desculpas. Era falsa (a verdadeira está no Museu do Futebol, em São Paulo).

Encerrou a carreira. Em 1976, foi eleito vereador com 53 000 votos. No dia 9 de abril de 1990, o Massagista das Estrelas faleceu no Hospital Santa Isabel, em São Paulo. Vinte anos depois, Mário Américo Netto, fisioterapeuta formado, montou uma exposição sobre o avô e mantém sua memória viva. Assim como a paixão pela Lusa.

WWW.PLACAR.COM.BR
PLACAR
PORRADA!
BASE BÉLICA
A onda de violência nas categorias inferiores contamina a formação da molecada
Sasha
O faz-tudo colorado caiu nas graças da torcida
A ÚLTIMA PELADA DE PEPE MUJICA NA PRISÃO
A GUERRA DE EGOS QUE ENVENENA O SÃO PAULO
EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA
ED. 1403 x JUNHO 2015 x R$13,00
Abril 65 ANOS
PLACAR 45 ANOS
REVISTA FEITA COM RAÇA
Seleção MORDIDA
A Copa América é a primeira oportunidade para Dunga, Neymar e sua turma curarem as feridas do vexame do Mineirão